

Jorge Alberto Buchabqui

**A IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA
PELAS MEMÓRIAS DE TANOUS**

1ª EDIÇÃO
revisada

PORTO ALEGRE

2017

Copyright © 2017 by Jorge Alberto Buchabqui.

Todos os direitos para o BRASIL e países de língua portuguesa reservados e protegidos pelas leis em vigor, em cada um deles, sobre DIREITOS AUTORAIS ao Jorge Alberto Buchabqui .

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Arte final: Priscila Evangelista

Capa: Tiago Kirsch Lanes

Revisão: Silvia Buchabqui

Diagramação e Produção Gráfica: Forma Diagramação

Impresso na Grafica da UFRGS - BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E918 Buchabqui, Jorge Alberto.

A imigração sírio-libanesa pelas memórias de Tanous /
Jorge Alberto Buchabqui. Porto Alegre: Forma Diagramação,
2016.

112 p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-63229-18-2

1. Imigração. 2. Sírio-Libaneses. 3. Memórias. I. Buchabqui,
Jorge Alberto.

CDD: 305.8927

A Solange, a Mariana,
ao Pedro (e a Julia),
esposa e meus filhos.

Um agradecimento que fosse suficientemente amplo para abarcar tantos e merecidos protagonistas seria quase uma utopia. Por isso que sejam representativos desta tentativa tendo como suporte as memorizações sobre um pioneiro. Agradeço ao neto William Tanous Bouchabki por, com tanta presteza

e dedicação, oferecer as gravações de suas entrevistas com seu avô Tanous, que nos proporcionaram conhecer um pouco mais sobre a história deste desbravador, empreendedor, homem que inspira.

A história não se repete se
não é na mente de
quem não a conhece

Khalil Gibran (1883-1931) -
Ensaista,
 novelista e poeta
 libanês

SUMÁRIO

Aos imigrantes pioneiros Uma homenagem	
.....	
9	
As origens	
.....	1
1	
A origem do nome Bouchabki. Buchabqui e Abou Chabake	
.....	1
3	
O compromisso com Guajará-Mirim	
.....	1
5	
A imigração	
.....	1
8	
E no Yucatan, México, não seria diferente	
.....	2
4	
Srios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos: um enfoque comparativo	
.....	2
8	

A imigração na literatura brasileira	3
2	
Como reconhecemos a Madeira-Mamoré	3
6	
E eis a nossa estória inicial de Guajará-Mirim	4
0	
A história oral	4
6	
Quem foi Tanous Melhem Bouchabki: Tio Tanous	4
8	
Memórias de Tanous	5
0	
O Pioneiro Toufic Melhem Bouchabki: Tio Tufi	5
7	
É difícil imaginar o que os poetas e escritores fariam dela no futuro?	6
2	
A viagem até o Brasil	6
5	

O contato entre as linguas	6
8	
Intervalo para uma historieta sobre pesca	7
0	
Inserção na sociedade	7
2	
Uma aventura na selva e a doença	7
5	
E surge um médico pioneiro e	
.....da terra	
.....78	
A chegada ao Libano	8
2	

A volta também paracasar84	
O papel feminino no processo imigratório8	8
8 A segunda vinda ao Brasil9	9
1 E chega a vez do sabão9	9
3 A voz da experiência9	9
6 Da fábrica de vassouras até colchões9	9
9 E chegou o tempo da loja10	10
1 O comércio como uma tradição10	10
3 Ode à Guajará-Mirim10	10
6	

Aos imigrantes pioneiros

Uma homenagem

Até hoje, mais de um século após a vinda dos primeiros imigrantes, nas entrevistas colhidas entre os mais velhos, entre aqueles capazes de olhar para trás conscientes das dificuldades enfrentadas e do caminho percorrido, o balanço da trajetória e da vida não deixa de registrar depoimentos emocionados. “Na vida brasileira a gente adquire desde a infância uma tolerância que não existe lá (...) Eu estou satisfeito da minha vida, confio no Brasil. Aqui é minha terra”.

Esse sentimento de gratidão e confiança, em geral embalado por uma considerável mobilidade sócio-econômica, resume a bem-sucedida história dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil, um país tributário da cultura árabe desde a alvorada da colonização.

Oswaldo Truzzi é professor da Universidade Federal de São Carlos e autor de *Patrícios – Sírios e Libaneses em São Paulo* (HUCITEC, 1997).

Este livro é uma homenagem

A maior concentração de libaneses fora do Oriente Médio está no BRASIL, que tem aproximadamente mais de 7 milhões de brasileiros de ascendência libanesa, tornando a população do BRASIL de libaneses quase o dobro de toda a população do LÍBANO.

Libaneses no Mundo refere-se ao número de imigrantes libaneses e seus

descendentes, que voluntariamente ou como refugiados emigraram de seu país nativo, o Líbano, e agora residem em outros países, principalmente nas Américas (incluindo América do Norte, América Central e do Sul , Europa, Austrália, África, em particular a África Ocidental, bem como outros países do mundo árabe.

Não existem estatísticas confiáveis sobre o número real de pessoas de ascendência libanesa. As Américas têm sido um destino para a migração libanesa, com libaneses que chegam a alguns países, pelo menos, tão cedo quanto o século XIX. A maior concentração de libaneses fora do Oriente Médio está no Brasil, que tem declaradamente mais de 7 milhões de brasileiros de ascendência libanesa, tornando a população do Brasil de libaneses o dobro de toda a população do Líbano.

Há também grandes comunidades libanesas no México (cerca de 400.000 mexicanos de origem libanesa), Argentina, Colômbia, Venezuela e Caribe. Muitos libaneses também se instalaram por muito tempo nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Europa, principalmente na França. Alguns outros libaneses imigraram para a África, onde têm prosperado financeiramente.

A maioria da diáspora libanesa é cristã, com minorias importantes dos muçulmanos e alguns judeus libaneses. A diáspora libanesa, enquanto historicamente relacionada com o comércio, tem mais recentemente sido associada à Guerra Civil Libanesa, com muitos libaneses emigrando para países ocidentais. Por causa das oportunidades econômicas, muitos libaneses também têm trabalhado no mundo árabe, principalmente os países do Golfo, como a Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Kuwait, entre outros¹.

¹ <http://www.maronitefoundation.org/>

As origens

O início desta longa jornada histórica remonta alguns decênios, quase uma dezena, e onde a gama e as inúmeras facetas que a envolvem talvez não consigam ser reproduzidas no que elas possam ter de maior riqueza, embora a intensa vontade de que assim fosse.

A minha família paterna é de origem libanesa. De Sarba, Jounieh, cidade praiana do mediterrâneo, localizada a uns poucos quilômetros de Beirute, conhecida por ter a estátua de Na. Sra. do Líbano abençoando-a e a todos que lá estão. O ramo do qual ela se constitui veio ao Brasil no início e primeiros trinta anos do século XX, e não foram diferentes as razões que motivaram sua vinda.

Alguns mais cedo outros mais a seguir, minha "cê't'e" (*avó, em árabe*), viúva, veio em 1930 com a totalidade de seus filhos que lá haviam ficado juntando-se aos que aqui no sul do Brasil já se encontravam. Neste caso, o ramo da família que veio integralmente para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os Buchabqui do sul, pois, constituem então uma família única.

Os motivos? Os já conhecidos em toda a literatura disponível sobre a imigração libanesa: a fuga da dominação otomana, as condições econômicas desfavoráveis, mas, sobretudo, a grande capacidade da gente libanesa de navegar por terras distantes e adaptar-se a elas como se fossem suas sempre.

No Brasil, as ligações afetivas e familiares dos Bouchabki de Guajará-Mirim, Rondônia, com os Buchabqui do Rio Grande do Sul remontam há quase um século, ainda na inesquecível Sarba (Jounieh), Líbano, de seus antepassados, e permanecem mantidas até hoje e pelo futuro afora.

Lugares tão díspares e diversos, como Guajará-Mirim em Rondônia, como Salto no Uruguai, como para o México, também guardam histórias tão ricas, como também outras regiões do mundo, que continuamente somos informados e que não cansaremos de buscar e registrar.

Pois foi exatamente em Guajará-mirim que encontramos a maior concentração de primos oriundos desta origem centenária. Hoje se contam em aproximadamente 120 pessoas. E salientamos este fato, quando tivemos a grata surpresa de nos deparar com um registro histórico muito relevante. Graças a iniciativa de William, um neto de um dos nossos pioneiros amazônicos, Tanous Melhem Bouchabki, temos então uma rara oportunidade de ver e ouvir suas falas, gravadas em DVD, de sua odisseia imigratória.

A fim de que não perdêssemos no tempo estas vivências, tão pouco comuns no mundo atual, mas que recuperam uma época, uma vida e uma epopeia familiar, é que nos dispomos a aceitar este desafio histórico, o de transformar em texto escrito o que lá estava.

Certamente muito próxima daquelas vividas por outros tantos imigrantes libaneses que para cá vieram, debruçamo-nos em resgatar e oferecer aos que vão nos seguir histórias de vida que, provavelmente, não teriam seu espaço e sua memória trazidos no decorrer dos tempos que virão.

É certo que esta vontade não é fortuita. Tenho de berço uma constância e sequência de relatos familiares decorrente de reuniões e encontros entre si, situados, primordialmente, nos meus primeiros 20 anos, ou seja, bem mais frequentes que os de hoje, e num tempo em que tínhamos ouvidos para atentamente compartilhar suas histórias. Quanta fantasia deve ter sido semeada!

Em cidades como Guajará-mirim, em Rondônia, na longínqua Amazônia meridional, onde todos convivem muito próximos, esta realidade prolonga-se até os dias atuais. Mas... enfim, talvez seja um momento de tentar e continuar a ter este novo desiderato, talvez até mais amplo, atendendo a naturalidade em que os fatos e as coisas acontecem, desde que nos sensibilizem e nos permitam reproduzir. E publicar.

A origem do nome

Bouchabkí. Buchabquí e Abou Chabake

...chegou uma pessoa lá na casa da tua avó, ela era pequena e perguntou: "onde... a senhora sabe onde mora Yussef Nassib Narrul? Ela disse "não sei, não conheço esse senhor..."

Ele disse "ele mora por aqui, me disseram e o nome dele, conhecido aqui, Yussef "áh esse [repete o sobrenome] é meu pai"". Era o pai dela, mas até os filhos não usam o Nassib Narrul, eram [esse outro sobrenome], o [idem] ganhou do Narrul... Mas o certo, certo é Narrul... (recolhido de Memórias de Tanous).

Dentre as tantas histórias contadas por Tanous, esta tem preponderância na longa conversa com seu neto William, a revelação que faz sobre vocês, sobre a origem do seu próprio sobrenome – Bouchabki ou Abou Chabake. Já nos faz pensar que nem sempre foi este o nome original que atualmente vigora. E a partir daí, com esta definição como o nome adquirido surgiu, multiplicam-se as inúmeras nomenclaturas, dependendo das diferentes regiões do país e de outros países em que se estabeleceram os inúmeros

migrações que aconteceram no decorrer do tempo.

Então, há muitos anos não existia Bouchabki ou Abou Chabake. Existia...

Entrevistador – Adaime.

Sr. TANOUS – Adaime, Família Adaime. Este era Adaime. Até agora existe esta Família Adaime. Não em Sarba, mas em uma cidade.

Entrevistador – Mas existe no Sul também?

Sr. TANOUS – É, sim. Existe em São Paulo também. Tem João Adaime e tem o Michel também Adaime. É da família legítima.

Mas dizem... Nossa cidade no Líbano é a beira-mar e então havia um Adaime que estava tarrafeando, jogando tarrafa e o mar, quando geralmente joga a onda, ele faz barulho principalmente aonde tem pedregulhos, ele leva aquele [reproduz barulho do mar] e quando volta não escuta direito. E começaram a chamar o Fulano - o nome dele na época que não sei qual era, Manoel, Francisco, Antonio, não sei - até que chegou um e disse "ô homem da tarrafa!" Aí ele olhou... olhou, pronto, pegou nome "da tarrafa". Abou Chabake é o homem "pai da tarrafa".

E aquilo cresceu, ficou grande e a família cresceu muito. Mas quando tem alguma coisa aqui de convite, um farnel ou qualquer coisa que se faz um convite, eles dizem "Abou Chabake Adaime", quem convida "Buchabqui e Adaime" é uma família só.

Da mesma forma, escutaram e viram que a união dos Bouchabki está tanto aqui em Guajará-mirim, tanto no Rio Grande do Sul, tanto no Uruguai. É, Uruguai sim. Também a família lá não é mais Bouchabki. Na realidade é Bouchabki; é o certo. Mas lá no Uruguai é Musé. Mudaram para Musé porque tem a família do Abdon Tanous Bouchabki. Lá ele botou Pablo Tanous Buchabqui, Pablo Musé. Quer dizer, mudou o nome. Como aqui muita gente chamava "Família Melhem", mas não é Melhem. Aqui é família Bouchabki. Melhem é meu pai. Fala Melhem porque é conhecido de Melhem, mas o certo é Bouchabki. E nós lutamos para que fique o nome de Bouchabki, porque é o nome em qualquer parte do mundo árabe; é patrício; é parente.

O compromisso com Guajará-Mirim

Guajará-Mirim tem a significação de
"Cachoeira Pequena
– em dialeto indígena, nome dado pelos
aldeados espanhóis fronteiriço" (CHAMMA,
2012, p.31)

Quando se pensa em fazer um resgate merecido do que existe na historicidade e na literatura sobre Guajará-Mirim, queremos aproveitar o foco que sobre ela nos dedicamos como suporte das memorizações sobre um pioneiro. Com isso, a partir dele, começa-se a descobrir as histórias que a ela se referem, e então verificamos por que escritores como Paulo Cordeiro Saldanha, Maria Tereza Merino Chamma, Yeda Pinheiro Borzacov, Dulcio Mendes, sob risco, incorrem certamente em falta ao deixar de citar outros tantos. Todos o fazem com um sentimento carinhoso e inato de quem lá vive cotidianamente.

E aí surge este compromisso, não só deste autor por tê-la guardada indelevelmente, mesmo sendo um alienígena na terra, e que ultrapassa os múltiplos motivos que cada

um de nossos leitores possa ter. Eis que dentre estes diversos aspectos com os quais poderíamos emoldurar as intenções desta obra, surge esta abordagem que se integra ao conjunto de manifestações que encontrarão na sua leitura.

Nesta busca literária incessante, deparamo-nos com o que nos diz Deny Ardaia da Silva (2003) quando inclui a educação e a importância da escola no conhecimento dos aspectos culturais do local onde está inserida para que educadores e alunos

possam compreender e aceitar, sem preconceito, suas origens e sua identidade.

Segundo a autora, a falta de uma percepção da diversidade não contribui para a preservação da cultura, quando podemos observar a existência de três idiomas permanentes, que são: português, espanhol e Pacaás-novos. Esta hibridização efetiva-se por processos de herança, tradição, comércio, por amizade, que ultrapassam a educação formal sem que a escola perceba e se aproveite deste processo.

Interessante quando salienta:

que é comum os alunos conversarem entre eles a respeito de seus costumes, seus hábitos; enfim, suas culturas, mas a escola não oportuniza conteúdos referentes à cultura local, não dialoga com as linguagens existentes em seu meio, não formaliza esses conhecimentos trazidos pelos alunos e essa relação cultural acaba por acontecer de maneira informal, dentro da escola, através das relações interpessoais entre os alunos sem que a mesma perceba o potencial e a riqueza da diversidade existente no próprio cotidiano.

É desejável que, quando a escola acompanha os processos de efetivação da cultura na comunidade, em que existem vários idiomas relacionando-se cotidianamente e culturas diferentes envolvidas, compreenda as necessidades educacionais dos grupos étnicos envolvidos e contribua de maneira organizacional em conteúdos factuais, atitudinais e procedimentais para a construção de conhecimentos, já que tem em mãos grupos com experiências diferentes, de tal forma que estes contribuam para a ampliação do conhecimento e harmonia desses indivíduos.

É um chamamento às escolas a fim de que aja com sensibilidade para entender os papéis de cada cultura envolvida e utilize estes como meios para trabalhar questões como preconceitos e diferenciações culturais, valorizando cada indivíduo dentro de sua cultura, com base no respeito, consideração e dignidade próprios das relações humanas. E amplia as possibilidades de conhecimento porque “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade” (SANTOS, 1983b, p.24).

Neste contexto, no caso de Guajará-Mirim, a escola precisa perceber o multiculturalismo existente na comunidade e agir de tal forma que a mesma ofereça aos alunos o conhecimento da cultura popular com as características deste município de fronteira, contribuindo para a construção de novos conhecimentos e

favorecendo o aparecimento de novos legados culturais.

Entender o quanto de participação cabe às iniciativas pioneiras dos imigrantes sírio-libaneses na região, e que adquire relevância tanto quanto as etnias nomeadas. A preservação cultural de todos os segmentos atendido por ela colabora para a preservação dos conhecimentos do povo, para a aceitação identitária do indivíduo enquanto pertencente a uma dessas diversidades étnico/cultural.

Esta obra pretende incluir-se na busca e na criação de livros didáticos ou literários que privilegie e mereça distinção quando a intenção é a produção de conteúdos que tragam informações sobre as culturas locais. Assim, quando as escolas tentam apresentar um currículo contextualizado, o mais próximo possível dos alunos, tende a não formalizar os conhecimentos populares e a valorizar os segmentos étnicos presentes.

Dessa forma, ao dedicar este espaço salientando o compromisso também das escolas, na preservação da cultura popular, acredita-se que, ao fomentar a construção de outros conhecimentos, esclarecem a importância do indivíduo de se entender como ser étnico e nacionalizado, também porque emergem esclarecimentos relacionados à cultura visual e histórica dos povos envolvidos destacando as suas riquezas culturais, patrimoniais materiais e imateriais, aumentando a possibilidade de compreender as origem das populações hoje existentes neste local, e que contribuem a cada dia para a expansão cultural deste lugar.

A imigração

O Imigrante

Das montanhas da Síria e do Líbano eles desceram com seu agudo perfil, sua capacidade de trabalho e de sonho, sua ânsia de viver, sua áspera coragem. Atravessaram o mar oceano e desembarcaram no Brasil. No dia seguinte todos eles eram brasileiros, brasileiros dos mais autênticos, dos mais característicos, nacionalíssimos. Em nossa democracia racial

– nossa contribuição à cultura universal, ao humanismo – o sangue árabe desempenha um papel de maior importância. Jorge Amado

Esta busca de subsídios que nos dá suporte da imigração sírio-libanesa traz inúmeras manifestações, algumas até antagônicas em algum sentido, mas a maioria convergindo sobre os mesmos fatos. Muitos autores dedicam-se ao tema, alguns até mesmo categorizados como imigrantes.

É o caso de Claude Fahd Hajjar (2009). Ela imigrante com seus pais em 1959 para o Brasil, após a revolução libanesa, onde acontece a entrada dos EUA no Líbano, relata que em suas três gerações subsequentes os imigrantes perfazem mais de 10 milhões de pessoas. Ou até mais do que isso. Como autora de livros que refletem sobre isso, notadamente uma pequena análise de causas e consequências procura sinalizar a necessidade de uma pesquisa séria que aborde a questão imigratória árabe e suas vicissitudes.

Sabemos que a origem foi em atenção ao convite do Imperador D. Pedro II

que em 1873 e 1877 visitou Síria, o Líbano e a Palestina. Levando inúmeros exemplares em árabe do livro "O Brasil", Dom Pedro foi convidar o cidadão árabe para imigrar e a se fixar no Brasil. Omar Nasser Fo. (2002) aponta para visita de Dom Pedro II ao Oriente Médio nos anos de 1871, 1876 e 1879, como marco/causa da imigração árabe, provavelmente a partir de 1880, apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como o marco inicial deste movimento imigratório.

Há já um consenso entre os autores que se dedicam ao tema, que o movimento migratório para o Brasil tem seu início a partir da década de 1870, notadamente por árabes cristãos. Mas há citações que apontam que os primeiros árabes que chegaram ao Brasil vieram já com a caravela de Pedro Álvares Cabral, na condição de "cristãos do Oriente". É ainda Hajjar que divide a imigração árabe em duas etapas principais, em levas, as quais consideram os diferentes contextos na terra de origem.

Conforme Hajjar, uma primeira etapa, de 1860/70 até 1938, comportou 3 levas: a 1ª, que abrange de 1860 a 1900; a 2ª, de 1900 a 1914; e a 3ª, de 1918 a 1938. A compreensão desta primeira leva é didaticamente importante, pois está inserida em um contexto de distúrbios civis na terra de origem. Detalhando mais, como decorrência do massacre de cristãos feito por drusos (ramificação do islamismo) no Líbano em 1860 e da forte presença europeia, salientam Hourani e Lewis, fazendo com que se criassem leis que garantissem a igualdade dos súditos, independente de suas religiões.

Daí decorre a insegurança gerada que estimulou atritos étnicos, onde figurava o alistamento obrigatório, medida impopular que, segundo autores e fontes, também é causa da emigração. Daí houve a possibilidade do transporte dos

emigrantes para fora da região sem a intervenção turca, autoridade a qual os imigrantes deveriam teoricamente se dirigir para efetuar tal intento.

Também cabe salientar, segundo Oswaldo Truzzi (1997), a precária situação econômica da terra de origem, onde a ampliação da rede de transportes, encarregando-se de conectar territórios até então isolados, enche os mercados locais com produtos baratos que minavam a produção local de artesões e pequenos agricultores que, por sua vez, vendiam seu excedente para complementar a renda, gerando empobrecimento.

Ainda conforme Truzzi, a economia de subsistência que prevaleceu até meados do século XIX na região, numa área montanhosa e com uma precariedade

de transportes, gerou aldeias autossuficientes e pouco integradas. Eram atividades de caráter fortemente pessoal atuando numa base territorial que, quando atinge o seu limite, pelo aumento populacional e pelas poucas terras férteis e escassez de água, torna-se elemento crucial para a imigração ao final do século.

Nasser Fo (2002) salienta que entre a imigração estão os elementos da terra de origem já trabalhada e influenciada pela revolução industrial e tecnológica, com a possibilidade de transportes mais velozes e que conectam regiões antes isoladas, produzindo excedente de mão de obra, desvalorizando o trabalho e a crise do império turco, além da condição de minoria étnica e religiosa.

Já Andreazza (1996) traz um novo ângulo de percepção, enfocando a motivação que a construção de uma nova realidade cria, definido por alguns como "ilusão migratória", ou seja, crença em mecanismos compensatórios capazes de garantir melhores posições sociais, que têm na mobilidade social um ingrediente ativo desta ilusão. Diante de uma nova realidade surge um aspecto subjetivo no diálogo entre seus valores e os valores locais para de alguma forma se adaptar à nova realidade.

Knowlton (1955) aponta que o destino imigratório aconteceu para o Brasil por não terem conseguido visto para os Estados Unidos; ou por não contemplarem as condições de exigência de entrada ou enganados por empresas de navegação. E teriam aqueles que vieram justamente por já terem parentes no país ou por acreditarem que no Brasil seria mais fácil fazer fortuna.

Voltando a Truzzi (1997), este autor, ao tratar do senso de competição entre as famílias, dos laços familiares, das prioridades deixadas na terra natal devido às pressões

econômicas, sociais e demográficas, surge a noção de *"igual, ou melhor,"*. O envio de um ou mais homens à América para levantar fundos e assim acompanhar as demais famílias em sua ascensão social servia para a manutenção do prestígio de cada família em sua sociedade local.

O mesmo Truzzi, ao resgatar o pensamento prevalente de imigrantes de maioria cristã, seguindo seus relatos, aponta para as perseguições dos turcos como principal causa da imigração e os turcos fomentaram discórdias entre drusos, maronitas, cristãos, muçulmanos para controlarem a região e aumentar a carga tributária. Além disso, "os turcos não abriam colégios; queriam os árabes atrasados e analfabetos (80% eram analfabetos), revelavam o interesse de manter a ignorância dos árabes muçulmanos, fanáticos, além do estímulo à intriga entre cristãos e muçulmanos".

Segundo Dalledone (2002), reforça a ideia de que as primeiras ondas emigratórias eram constituídas quase que inteiramente por cristãos que, segundo Truzzi, detinham uma mentalidade mais progressista, sendo menos apegados ao solo do que os muçulmanos.

Sendo minoria, para estes, a imigração constituía-se em dificuldade de exercer seu culto. Como justifica Nasser Fo. (2002), o contrário dar-se-ia com os cristãos, para os quais o fato de que se tratavam de países de religião majoritariamente cristã onde os emigrantes cristãos encontrariam uma facilidade maior de adaptação.

Truzzi atribui pouca importância à influência destas perseguições religiosas como causa da emigração árabe, o que encontra contraposição ao ver as memórias do imigrante Wadih Safady apontando para estas perseguições como fator fundamental da emigração.

Contudo, vale à pena recordar que, dentre os motivos pelos quais se deu esta imigração, estava a requisição de mão de obra especializada para suprir as necessidades da industrialização e urbanização iniciadas nos anos 1930; uma política imigratória liberal do país acompanhada por uma política ampla de concessão de nacionalidade; a possibilidade dos imigrantes obterem ascensão econômica devido à crescente urbanização e desenvolvimento do país (no caso dos libaneses, através do ciclo mascate-lojista-industrial); a liberdade de culto e multiplicidade étnica. Talvez eles justifiquem por que o Brasil, tendo em geral recebido número bem menor de imigrantes do que os Estados Unidos, Canadá e Argentina, apresenta a maior população imigrante libanesa no mundo.

Na segunda fase da imigração, sob o ponto de vista do Brasil como país receptor, caracteriza-se pela atração criada pelo desenvolvimento industrial e urbano, e não

mais pela necessidade de mão de obra para a atividade agrícola. Na Constituição de 1934, portanto, implantou-se o regime de cotas de imigração, privilegiando os grupos que já se encontravam em maior número no Brasil (isto é: portugueses, italianos, espanhóis e alemães). Apesar de não se proibir expressamente a entrada de asiáticos ou africanos, leis complementares dificultavam tais imigrantes de obter vistos para o Brasil.

Os imigrantes libaneses (e sírios), mesmo sem encaixar no ideal propugnado pelos formuladores de políticas migratórias que visavam o branqueamento da população brasileira, encontraram as portas abertas para a sua entrada no país, pois tampouco representavam os grupos mais "ameaçadores" para as políticas de branqueamento, como negros e leste-asiáticos. Isto determinou o caráter

independente do imigrante libanês e sua inserção social marcadamente urbana e baseada na atividade terciária.

Outros fatores que colaboraram para a aceitação dos imigrantes libaneses na sociedade brasileira foram a sua extrema dispersão por cidades de todo o país e a opção dos primeiros imigrantes pela atividade de mascate e de pequeno comerciante, que exigia um contato diário e íntimo com as pessoas das mais diversas categorias sociais. Isso fez com que a população local rapidamente tomasse contato com estes estrangeiros de “fala gutural” e perdesse o preconceito, o que seria mais difícil caso o grupo tivesse se mantido compactado em poucos locais e em atividades de menor contato com a população.

Na busca de uma aproximação focada nas origens desta obra, deparamo-nos com as informações de Marieta de Moraes Ferreira fornecidas através de suas “Fontes Históricas para o Estudo da Imigração Trabalho” apresentadas no XXIV Encontro Anual da ANPOCS, no GT Migrações Internacionais, Sessão Temática “Perspectivas Teórico- Metodológicas”, Petrópolis, 23-27 out de 2000.

Esta coloca que “a produção bibliográfica relativa à imigração estrangeira para o Brasil durante o século XIX tem merecido a atenção de diferentes especialistas, resultando em trabalhos de diferentes enfoques”. Diz-nos que, em se tratando da imigração sírio-libanesa, ao acompanhar a sua trajetória bastante significativa por si só, verifica-se que as distorções e dificuldades decorrentes desta análise potencial das fontes históricas disponíveis podem ser minimizadas.

Também ela nos dispõe a transgredir as normas vigentes quanto ao que entendemos por história oral que abordaremos mais adiante. Entretanto, sabemos que, quando se opta pela transcrição da história oral, no caso,

de um pioneiro amazônico, deve-se associar à necessidade de comparação entre fontes escritas e depoimentos orais, e com isso cria-se tanto possibilidades de uso como também limitações, possíveis contradições e pontos de convergência.

Por tratar-se de estratégia de pesquisa interessante, de relato de história de vida, recupera uma memória oral passada de geração em geração, sendo suas informações preenchedoras de lacunas deixadas pelas fontes escritas. Neste caso, metodologicamente, por vontade do autor, sucede-se até o contrário, ou seja, a história oral dando guarida à busca de fontes escritas.

Não há, no caso presente, uma preocupação de garantir o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos. Mais uma vez, abrimos mão da metodologia em favor da originalidade. É mais um desafio que optamos por

enfrentar. Embora sem roteiro e sem uma maneira disciplinada de controlar o depoimento, obrigou-nos, como contraponto, a reunir outras fontes escritas, não para realizar a contraprova e excluir as distorções, antes para reafirmar o quanto possível a veracidade e não e tão somente os enganos e distorções do depoente.

E no Yucatan, México, não seria diferente

A busca de como se deu a imigração libanesa por outros recantos do mundo fez-nos chegar a algumas citações no contato com Salime Abuxapqui, descendente, como nós, dos Abou Chabake de nossas origens. A fonte do que segue encontra-se em <http://www.meridadeyucatan.com>

Lá, como em outros locais, a imigração libanesa e sua descendência constitui um dos fenômenos sociais mais reveladores do século XX no Yucatán, sul do México. Tomando como referência esta fonte, podemos admitir que as causas da migração libanesa são diferentes de acordo com o momento em que são feitas e as cidades de origem.

A primeira metade das migrações do século XIX foram causadas pela crise econômica grave resultante da opressão do Império Otomano, que dominou o Líbano. Por volta de 1860, a proporção mudou, e a emigração intensificou: as lutas dramáticas entre drusos e maronitas forçou o êxodo. O Império Otomano e as potências ocidentais dividem o Líbano levando ao surgimento de

Mutassarifat ou "Little Lebanon" ou "Monte Líbano". Aldeias maronitas que foram incluídas nesta região começam a sofrer dificuldades adicionais que resultaram num novo dinamismo na migração.

No século XX, a Primeira Guerra Mundial foi a grande causa da migração: o Império Otomano aliou-se com os alemães; no entanto, *Mount Lebanon* não estava disposto a cooperar com os seus opressores. Em seu livro *The Lebanese Yucatan*, Teresa Cuevas e Miguel Mañana relembram que as famílias vinham

com passaporte turco dado o domínio dos otomanos; portanto, eles começaram a chamar turcos como qualificação no início do século XX. Não era para ser tão ofensivo desde que um Mr. Simon anunciou, por esse tempo, seu negócio como “a única casa da Turquia”; um dos arcos que acolheu Porfirio Diaz foi o “La Colonia Turco”; em 1913, a loja de presentes Isaac Cruz foi chamada de “La Bella Turco”; o Don Anselmo Razu em 1907 foi chamado de “O Grande Bazar turco” e Dona Chuaro Afife “A Turquia Young”.

A imigração de origem árabe no México tem sido importante em quantidade e qualidade desde o final do século XIX e se projetam originando o atual Líbano e seus descendentes. Embora eles estejam presentes em todo o país, há regiões e atividades em que a sua marca cultural é mais profunda e tem maior excelência econômica: a Península de Yucatán é um delas.

Este livro é uma análise social de sua histórica migração e uma abordagem antropológica ao processo de adaptação no território peninsular e da sociedade até os primeiros anos deste século. A pesquisa foi conduzida na UCS CIR pelo “Dr. Hideyo Noguchi “UADY, como parte dos objetivos do projeto sobre a cultura, negócios e desigualdade social apoiado pelo CONACYT com chave CB-2008 /01005749. A descoberta foi discutida no simpósio “Árabes. Três penínsulas, um universo cultural”, organizado em Dezembro de 2010 pelo Peninsular Centro de Ciências Humanas e Sociais (CEPHCIS) da Universidade Nacional Autônoma do México.

O trabalho lida com a análise da população de origem árabe da Mashreq, a área que hoje inclui o Líbano, Síria e Palestina e outros países, que desde o final do século XIX imigrou para uma região do sudeste do México, a

Península de Yucatan, e em pouco mais de um século foi submetido a um processo de mobilidade e ascensão social, cujo desenvolvimento em grande parte inclui uma identidade social e profissional como empresários.

Destaca a importância da identidade étnica e de organização de parentesco e da ideologia de desenvolver uma cultura de negócios e, em que medida, tanto a identidade como a cultura influenciou no sucesso do negócio desses imigrantes e de seus descendentes. O processo social em questão, migração e desenvolvimento de “empreendedorismo”, é uma história que é derivada da imbricação íntima de parentesco e cultura. Ela se estende por 130 anos e abarca três séculos.

Quanto à religião, no Líbano coexistem dificuldades bem conhecidas com as duas grandes religiões da humanidade, o cristianismo e o islamismo, ambos com

seus diferentes aspectos. Entre os do primeiro grupo estavam os maronitas e os da igreja ortodoxa grega; e no segundo, chitas sunitas e drusos.

Da Yucatan emigraram principalmente os cristãos, mas também alguns drusos, sendo que os imigrantes adaptaram-se à religião católica, graças à inteligência e calor dos párocos a fim de prosseguir com tolerância, fazendo com que fossem evitados conflitos religiosos e que a comunidade libanesa fosse atraída para a religião católica.

Na verdade, a conversão ao catolicismo foi um fator unificador entre os imigrantes libaneses, e um profundo sentido religioso transparece em sua importante participação. E são chamados de árabes, isto se deve à herança da dominação árabe sobre o Líbano. O mesmo pode ser dito do francês, que é a segunda língua do país. No entanto os libaneses, em deferência à sua posição geográfica e suas práticas de negócios, tiveram de aprender outras línguas e dialetos. Durante o governo turco, a língua desse povo não foi imposta. Já os imigrantes libaneses do Yucatan aprenderam a se comunicar em espanhol, com o seu próprio sotaque e a troca habitual de "p" para "b". Uma distinção na forma de falar dos libaneses era o tom demasiado alto da voz; inclusive diferenciando-se mesmo dos libaneses da segunda geração.

Em virtude de suas relações comerciais no interior do estado, os libaneses tiveram que aprender a falar a língua maia para poder se comunicar. À noite, as conversas às portas das casas poderiam fazer com que estas reuniões fossem barulhentas. Já as mulheres imigrantes, que não trabalhavam por razões óbvias, não chegavam a aprender

bem o espanhol. Naturalmente, as crianças mais velhas de imigrantes aprenderam muito bem a língua paterna.

Quanto ao estilo que define a habitação dos libaneses, se no Líbano as casas eram feitas de pedra com a força necessária para resistir a quedas de neve, principalmente para a família nuclear, decoradas com tapetes, tapeçarias, pátios e plantas comestíveis cultivadas, em Yucatan este costume prevaleceu ainda comum nos pátios de imigrantes libaneses; uva, hortelã, orégano e outras especiarias também foram plantadas.

Vejam que estas peculiaridades expostas também em locais mais longínquos não retiram a essência dos imigrantes libaneses, mas sim acrescentam valor e dão significância que nos faz crer ainda mais na epopeia de que foram protagonistas, notadamente como seus descendentes onde se encontraram neste mundo sem fronteiras.

A imigração libanesa e os seus descendentes são um dos fenômenos sociais mais reveladores do século XX.

Sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos: um enfoque comparativo

A história relata que das últimas duas décadas do século IX aos anos 20, um número crescente de sírios e libaneses, em sua maioria cristã, chegou ao Brasil e aos Estados Unidos incentivado sobretudo por pressões demográficas e econômicas de sua terra de origem, visando a permanecer temporariamente, acumular algum capital e propiciar um rápido retorno econômico.

O tema possibilita uma oportuna inserção na rica contribuição de Oswaldo Truzzi, um desmedido conhecedor e estudioso da matéria que, em seus "Estudos Históricos" (2001, p. 110-140), possibilita-nos ampliar os argumentos que sustentam esta pesquisa sob a qual nos apoiamos.

Se suas origens e características fossem comuns na nova terra, as experiências posteriores vividas seriam bastante diferentes, sobretudo devido a preconceitos culturais e à xenofobia, como também pelas diferentes características sócio econômicas das sociedades receptoras, bem como

com atenção particular a outras etnias comerciais já estabelecidas.

Outra peculiaridade era que, em se tratando de uma viagem não subsidiada, muitos estavam sujeitos à ação de intermediários de portos diferentes do combinado, sendo difícil estabelecer alguma distinção entre grupos específicos que se dirigiram preferencialmente a um país ou a outro.

Contanto que pudessem imigrar, com exceção de poucos, não havia nenhuma

distinção entre uma parte das Américas e outra - tudo era apenas uma "Merica". Por isso, ao não conseguirem desembarcar nos Estados Unidos, por problemas legais ou de saúde, optaram por outros países como o Brasil, onde praticamente inexistiam barreiras.

Sendo o número de mulheres nos Estados Unidos mais significativo, a utilização da mascateação era feita por elas através da inclusão de muitos itens de consumo doméstico. O caminho natural foi, depois de alguns anos, a abertura de uma loja no ramo de tecidos e armarinhos, alimentando o fluxo na cadeia imigratória e a tornando uma experiência migratória definitiva.

Como uma atividade preferencialmente urbana, ao final dos anos 20, quase 90% deles habitavam cidades com mais de 25 mil habitantes. Quase sempre utilizando a mão de obra familiar disponível em longas jornadas de trabalho, fixando moradia ao lado de lojas e provendo serviços de entrega e crédito bastante flexíveis, aos poucos, mas seguramente, a colônia síria e libanesa foi transitando para as camadas inferiores da classe média americana. Além disso, e mais rapidamente que no Brasil, os padrões de um mercado consumidor de massa já se encontravam razoavelmente bem implantados nos Estados Unidos nessa época, com o estabelecimento de quitandas, armazéns e outros negócios similares. Mas, apesar dessas similaridades entre os dois grupos de imigrantes, no Brasil a mascateação e as lojas de tecidos e armarinhos tiveram um futuro mais promissor, pelo menos para aqueles que chegaram mais cedo.

Quanto a galgarem cursos superiores no Brasil, os sírios e libaneses foram classificados relativamente como o segundo grupo étnico numericamente mais significativo, entre 1930 e 1950, facilitando a penetração na arena

política nacional, pouco evidenciada nos Estados Unidos, e não como americanos de origem árabe, mas como americanos assimilados.

Outra constatação se dá pela adoção da legislação restricionista em 1924, onde mais de 12 mil entraram nos Estados Unidos, enquanto no Brasil, entre 1920 e a crise econômica de 1930, entraram mais de 42 mil, não se diluindo frente ao volume e diversidade de outros grupos étnicos, como Estados Unidos. Lá, outro padrão estabeleceu-se. Um volume muito grande de imigrantes até então prevalente começava a dar sinais de esgotamento e apanhou em cheio o grosso dos sírios e libaneses. Culminam em sucessivas medidas de caráter regulatório, no que se referem à imigração, coroadas pelas leis restritivas dos anos 1920.

A cor cria outra diferenciação, pois, enquanto se tem uma classificação racial

no Brasil muito imprecisa, em contraste defronta-se com a rígida dicotomia branco-negro dos Estados Unidos. O mulato explica a aparente menor hostilidade entre brancos e negros.

Se os imigrantes adentraram a sociedade brasileira num patamar mais elevado em relação a escravos ou a trabalhadores nativos, isto se deve à mascateação que oferecia uma enorme vantagem se comparada a outros tipos de ocupações nas quais o trabalhador está mais diretamente sujeito ao patronato, seja rural seja industrial.

Até mesmo um biotipo denunciando sua origem não nórdica, segundo teorias biológicas pseudocientíficas da época que os classificavam como inferiores, diluiriam a pureza racial e enfraqueceriam a fibra moral da nação. Embora não tanto como chineses, judeus e italianos, tiveram de enfrentar uma conjuntura ideologicamente adversa, amenizada pelo fato de não aparecer muito na sociedade. Por outro lado, no Brasil, observamos desde logo que o grosso da imigração síria e libanesa, a partir da última década do século XIX, aproximava-se da chegada das outras etnias, das quais se diferenciava por sua destinação urbana.

Nos Estados Unidos, para entender os limites particularmente impostos aos sírios e libaneses pela conjunção de etnias já estabelecidas importa considerar a inserção na sociedade americana de judeus procedentes da Alemanha e depois do Leste europeu. Estes chegando antes, também iniciando como mascates, foram favorecidos pela expansão. E, antes ainda da chegada da ferrovia rumo ao oeste, primeiramente percorrida pelas clientelas a pé, evoluíram para a carroça e daí para o estabelecimento de lojas.

A produção e a distribuição de roupas prontas, desde o início, foram identificadas como dominadas pelos judeus.

Ao cabo de uma geração, a maioria deles já havia conseguido se mover para ocupações de classe média ou superior. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, os sírios e libaneses apanharam a economia americana numa fase mais madura, uma população urbana muito maior e mais variada, chegando tardiamente em relação a outras etnias. Assim, tiveram de enfrentar a concorrência de outros grupos anteriormente estabelecidos, o que resultou num padrão de mobilidade mais lento e difícil.

Em determinados momentos particulares e diferentes da história desses dois países, e do ponto de vista tão somente da inserção no interior da estrutura social, os sírios os libaneses e os judeus ocuparam posições estruturalmente homólogas no desenvolvimento do Brasil e dos Estados Unidos, respectivamente.

A pergunta que inevitavelmente decorre dessa análise é: e os judeus no Brasil? Por que não exerceram o mesmo papel pioneiro que nos Estados Unidos? O mais relevante ainda é o fato de que até o final da Primeira Guerra Mundial o Brasil não constituía um destino preferencial de imigração para a grande leva de judeus originários do Leste europeu. Em termos relativos, o grosso chegou entre 1924 e 1936. Na prática, uma geração defasada em relação ao pico da imigração de origem síria e libanesa chegada ao Brasil. Estamos portanto, diante de um grupo que chegou ao Brasil com algum atraso, o que não impediu que poucos anos depois os judeus começassem também a exercer um papel proeminente no comércio e na indústria.

Considerando que no Brasil o estágio de maturação das relações capitalistas era menos desenvolvido e que a matriz de empreendedores industriais ainda estava em formação mais permeável, esta inserção tardia com êxito foi maior para os judeus do que nos Estados Unidos para sírios e libaneses, em grande parte devido ao momento em que chegaram a cada um dos países.

Finalmente, considerando a relação entre imigrantes e trabalhadores nacionais, entre Brasil e Estados Unidos, esta diferença situa-se no contraste de significados entre "tornar-se brasileiro" e "tornar-se americano", observável entre imigrantes nos dois países. Diferentemente do Brasil, onde para as elites da colônia a endogamia significava manutenção de prestígio social e econômico (TRUZZI, 1987), nos Estados Unidos a endogamia quase sempre traduzia a segregação e o isolamento do grupo.

Dessa forma, apesar de sírios e libaneses terem chegado aos dois países aproximadamente na mesma época, podemos afirmar que o papel saliente que tiveram no Brasil, especificamente em São Paulo, deveu-se em grande

medida ao pioneirismo de suas atividades comerciais, à sua inserção nitidamente urbana e desconcentrada ao longo de inúmeras cidades do interior e à circunstância de terem chegado, mesmo que inadvertidamente, ao lugar certo no tempo certo.

A imigração na literatura brasileira

Na obra Gabriela, Cravo e Canela, o mascate Nacib cumpre função didática:

- Turco é a mãe!
- Mas, Nacib...
- Tudo o que quiser, menos turco. Brasileiro
- batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graças a Deus.
- Árabe, turco, sírio. É tudo a mesma coisa.
- A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia...
- Ora, Nacib, não se zangue. Não foi pra lhe ofender. É que essas coisas das estranjas pra gente é tudo igual...

A abordagem da imigração libanesa no Brasil através da articulação entre os estudos literários e do exame de obras literárias contemporâneas permitem aproximar-nos e entender um pouco mais da problemática das identidades e alteridades, do local e do global, por meio da comparação entre as obras entre si, bem como verificar como se dá o diálogo entre memória e ficção. Além disso, conforme Oliveira e Carreira (2011), permitem identificar o

papel dessas narrativas na configuração, transmissão e disseminação de uma memória étnica, tendo na literatura uma indiscutível relevância. Na imigração, ocorre o aparecimento de identidades híbridas, fruto de encontros interculturais, buscando reinventar em território estranho a ideia de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades (HOBSBAWM, 1984).

Considerando os personagens das narrativas, identifica-se a construção desta

identidade, entendida, pois, como a interação do indivíduo com a “nova cultura” que é trabalhada de forma ampla, e de onde emergem diversos exemplos dos processos de aculturação. No início, na literatura brasileira, a figura representativa do imigrante libanês esteve associada à ideia de comércio. Atualmente, há uma mudança neste estereotipo em consequência do processo de aculturação das comunidades árabes.

A leitura que se faz desta inserção na literatura brasileira contemporânea, tendo como referência a imigração libanesa, revela-nos que a literatura também se institui como um dispositivo de memória que não apenas “transporta” a memória étnica, mas a configura, à medida que confere aos marcos sociais da memória as visões particulares advindas das experiências pessoais dos indivíduos no contexto da imigração.

Oliveira e Carreira, ao cotejarem as obras *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, e *Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, identificam que há uma abordagem da imigração de forma diferenciada, ora na perspectiva do imigrante de primeira geração, ora na ótica do descendente. De uma forma ou de outra, elas têm contribuído para a sedimentação da memória étnica. Tanto um como o outro apresentam as identidades culturais de suas origens comuns, como também o olhar estereotipado que o Ocidente constrói em relação ao Oriente, como afirma Said em *Orientalismo*¹.

Por meio da literatura, chega-se às práticas culturais dos libaneses, bem como ao seu processo de aculturação e suas dificuldades, reveladas na riqueza de fatos, própria de quem as vivenciou na família, tal como expresso no romance de Salim Miguel. Já Hatoum ficcionaliza relatos de experiências adquiridas pelo estrangeiro na nova terra e

mostra a imigração como pano de fundo, problematizando a questão da identidade da narradora de seu livro.

Filho de pai libanês muçulmano e mãe brasileira católica, ao ser perguntado sobre um possível conflito familiar, Milton Hatoum afirmou: “Meus pais me disseram para escolher a religião que quisesse e eu optei pela literatura”. A partir desta declaração de fervor pela palavra, da ideia de re-conexão com a transcendência, é possível depreender a maneira singular como o escritor encara a diferença cultural. Sua obra inscreve-se na perspectiva da liberdade de escolha, do trânsito entre culturas e linguagens, de mundos que se cruzam incessantemente e resultam em uma mescla de referências inusitadas.

¹ Said em *Orientalismo* (2003).

Conforme os autores citados, identificam-se dois exemplos da clara presença das narrativas orais típicas dos povos orientais, e onde as histórias entrelaçam-se e resultam, portanto, da confluência da experiência pessoal e de uma herança cultural transmitida de geração a geração. Segundo Halbwachs (apud OLIVEIRA; CARREIRA, 2011), a memória individual entra em sintonia com a memória coletiva reforçando uma ideia de cultura ou enraizamento. Ao destacar alguns personagens principais e suas diferenças, ao manter suas características individuais através dos seus comportamentos, dá margem à criação de experiências pessoais para a formação desse enraizamento.

Saliente-se, igualmente, que o apoio familiar tem relevante importância neste contexto, dando ao imigrante o suporte inicial que permita suportar a distância da terra natal. A mulher libanesa, nesta situação, é um elemento agregador, além de tomar para si a tarefa de transmitir aos descendentes dados essenciais da cultura, da tradição de seu povo. A par de sua submissão, típica das culturas orientais, consegue exercer autoridade no âmbito familiar e influenciar o esposo e os filhos.

Esta é uma história da vida real, entremeada de circunstâncias que emolduram os fatos, com o auxílio de uma busca incessante na literatura. Esperamos que esta volta às origens de nossos queridos antepassados sempre vivos em nossa memória, valorizem o muito que fizeram por merecer.

Ao tematizar a figura do imigrante em *Relato de um certo Oriente*, Hatoum dialoga com a obra de outro autor que já tangenciara esse universo de certa cultura oriental na literatura brasileira: Raduan Nassar. Apesar de a imigração não ser o tema central da prosa nassariana, é possível afirmar o caráter de novidade de *Lavoura arcaica*

(1975) ao abordar esse tópico. A figura do imigrante árabe, entretanto, já aparece na literatura brasileira como personagem secundário desde obras como a de Jorge Amado. Como diferencial, pode-se afirmar que Nassar não recorre a generalizações redutoras que repisam lugares comuns na representação do imigrante árabe.

De acordo com Leyla Perrone-Moisés, *Lavoura arcaica* é o primeiro grande livro sobre a imigração libanesa no Brasil: "Longe dos estereótipos, das tipificações e do pitoresco, o que aí vemos é o difícil processo de transculturação, a transformação dos valores e os choques decorrentes em três gerações da mesma família" (Raduan Nassar). Tal afirmativa deve-se ao fato de Nassar ser justamente o primeiro árabe a romper certa uniformidade na construção da imagem do

imigrante, uma vez que seus personagens não ostentam nenhum recurso fácil de caracterização. Não se encontra, na construção dos personagens, apelo a tiques, exageros ou a algum tipo de exotismo forçado; recursos que acabam por facilitar a descrição do imigrante.

Em *Lavoura arcaica*, o leitor depara-se com indivíduos carregados de conflitos de ordem familiar, social e cultural, vivendo em meio a um grupo familiar que ainda preza a tradição árabe. Por alguns destes motivos, Hatoum certamente está em diálogo com a escrita nassariana. Essa espécie de paternidade literária advém, entre outras coisas, da origem libanesa de ambos.

Convidado a escrever sobre *Lavoura arcaica* no volume dos *Cadernos de Literatura Brasileira* dedicado a Nassar, Hatoum afirmou que o escritor paulista talvez tenha sido o primeiro ficcionista brasileiro de origem árabe a evocar de maneira tão densa e lírica certos temas da cultura oriental em um ambiente brasileiro e tradicional. E prossegue:

Além disso, em *Lavoura arcaica* pude reconhecer muitos traços da cultura do imigrante árabe, traços que se ajustam muito bem a uma tradição comum, a uma experiência milenar que os primeiros imigrantes haviam trazido do Líbano. O quarto, a casa e a fazenda, espaços que Raduan expande e dilata, palcos de um drama familiar ou da relação tensa de um casal, foram talvez mais importantes para eu pensar no romance que comecei a escrever por volta de 1982, quando morava na França.

Em, *Relato de um certo Oriente.*, para além da referência a imigrantes árabes nesta obra de Hatoum, comparecem de forma significativa dois dos maiores ícones da cultura

oriental: o Corão e *As mil e uma noites*. O jogo intertextual *faz-*

se presente da mesma forma em *Lavoura arcaica*, a partir do momento em que o Corão é tomado como epígrafe e mote da narrativa.

Como reconhecemos a Madeira-Mamoré

Não é proibido sentir sauda.....certa ocasião, voltando de Guajará-Mirim, onde fora negociar meia dúzia de sacas de café em grão, foi instado pelo Condutor do trem que lhe pediu a passagem para o picote inutilizador, nestes termos:

– O bilhete, por favor...

– Que bilhete, sô?... Não escrevi nada pra ninguém!... – Rebateu Cazuzza, dando uma seringada de cuspe no vão da janela próxima.

– A passagem... Aquele papelócio que o distinto recebeu no guichê de venda na estação – explicou o Condutor.

– Ah!... Aquele papelim amarelo? – Perguntou Cazuzza, meio sem jeito.

Justamente!... Aquele papelim é a passagem que lhe dá o direito de viajar. Disse o Condutor, esbanjando ensinamentos de cidadania.

– Eu pitei ele... – disse Cazuzza. E completou:

– Eu estava sem “paia” pra fazer o cigarro e usei ele... Se o moço quiser, a bagana ainda está fumegando ali.

A viagem teve curso normal para Cazuzza. Os Condutores das composições da inesquecível Estrada de Ferro Madeira-

Mamoré, tecnicamente chamados "Chefes", eram pessoas de elevado espírito humanitário. Trajavam tradicional uniforme de Agentes Ferroviários, que lhes dava certo tom sóbrio na aparência, mas muita bondade compreensiva e espontânea alegria no proceder.

Não é proibido sentir saudades. Quem conheceu a nossa Madeira-Mamoré puxe pela memória e reviva um tempo onde sonhar já era a realidade. 05/06/2014 - Opinião Felipe Assad Azzi

E assim, a ideia que surgiu ao optarmos pelo local em que faríamos nossa experiência enquanto estudantes foi a de dar uma atenção possível cumprindo o desejo constantemente enfatizado por nossos antepassados como imigrantes libaneses, do norte e sul do país, tão distantes, mas que não impedem que nos mantenham sempre unidos neste sentido. Certamente isto criou raízes cada vez mais sólidas e mais consistentes que se mantêm até hoje.

A ida a Guajará-Mirim constitui então uma realização deste desejo, proporcionada pelo Projeto Rondon em 1969, três anos antes que esta Estrada Férrea tivesse seu fim. Foi então que, passado tempo, quando chega o ano de 2005, uma rede de TV exibe uma minissérie chamada MAD MARIA, onde era retratada a incrível construção da impossível Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Então, fica claro o quanto podemos nos vangloriar:

Nós conhecemos a Madeira-
Mamoré!!! Nós viajamos na
Madeira-Mamoré!!!

Nós atravessamos o Brasil para sentir o carinho do povo rondoniense. Assim sendo, tornava-se pública a saga na sua construção, entre 1907 e 1912, agora através de uma nova roupagem que só a TV e o cinema podem nos oferecer.

Desde então surgiam comentários, como o do dia 30 de Abril de 1912, em que foi assentado o último dormente em Guajará-Mirim. No dia 1º de agosto, A Estrada de Ferro foi inaugurada oficialmente, numa extensão de 366 Km., ficando conhecida também como *Ferrovía do Diabo*. Naquela época, diziam que, para cada um de seus dormentes, existia uma

pessoa morta. Isso não é mais uma lenda, pois se estimam aproximadamente 6 mil óbitos entre os 549 mil dormentes.

Ao ver os sucessivos capítulos, pudemos imaginar o que teria sido esta epopeia. O que nos motiva neste livro, através da memória de um pioneiro, Tanous Melhem Bouchabki, e de tantos outros patrícios e desbravadores desta nova terra, é a oportunidade de revemos que não estamos tão distantes daquele tempo que desfrutamos ao vivo e a cores.

Se, naquela ocasião, em 2005, passados 36 anos do que havíamos vivenciado, nos veio à memória e nos sobre isso nos aventuramos a escrever algo que guardamos salvo em alguma pasta não tão secreta da Guajará-Mirim, que nos recebeu de braços abertos em 1969, imaginem o que se passou com Paulo Cordeiro Saldanha (2012).

Este brilhante escritor da terra, símbolo do resgate histórico que procura sempre atualizar, em 1912, numa de suas tantas crônicas, lembra-nos dos *"Cem Anos de Integração, Comunhão e Boa Companhia"*.

Capítulo 9

Ali enaltece o "dia em que a última dormente e o grampo de ouro" foram fixados. "Retirava-se o lugar de um histórico despovoamento, porque ermo, negligenciado, renegado e desprezado, sem outras ligações senão os rios, desde que cachoeiras e tombos fossem contornados e buscava-se a integração como proposta".

E continua: "Como mãe dadivosa ninou seus rebentos, agenciando a proteção, a manutenção, o crescimento humano de seus filhos. Do seu colo, nos chegava o alimento que nutre os livros que ensinam melhor qualidade de vida, as correspondências que emocionam, as notícias que informam e atualizam o tecido que veste, o

cobertor que aquece, o remédio que salva, enfim, a esperança que se busca desesperadamente na fé...”

“A Ferrovia Madeira-Mamoré não viveu tanto, faleceu aos 60 anos de idade, em 1972, para ser preciso em 10 de julho de 1972. Muita gente chorou a sua morte. Naquele dia, como se tivessem combinado, os maquinistas fizeram ecoar os apitos dos trens que pareciam reproduzir gritos de angústia, desespero, desencanto, desgosto, agonia... Imaginava-se que seus filhos, em cada casa, badalavam um sino surreal anunciando pelo pranto a partida de um ente muito querido, sugerindo que a morte confirmada poderia ser um declínio moral e econômico, pela falência de um órgão tão vital, dando a entender, numa linguagem figurada, que um tipo de energia, uma modalidade de ação, um toque especial de iniciativa e de criatividade estavam se apagando, ante a aflição que se descortinava pela perda da ferrovia, que nem na vertente turística poderia ser reanimada e reerguida”. E questiona: Por que a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que só o bem produziu ganhou essa “trágica e nociva homenagem”?...

Todavia, como se fosse um ser humano pródigo e leal a sua terra, a Ferrovia, nos seus estertores, mesmo ultrajada, autoimolou-se e resolveu doar-se. E o fez com a magnanimidade, com a grandiosidade, com a generosidade de quem possui a alma elevada, grandeza de espírito e altruísmo... e soprou vida à rodovia que se implantava. Nenhuma mágoa se observava nas suas reações!

Como desmerecer que, “como mãe resolutamente responsável”, pugnava para que remédios, mercadorias, equipamentos, alimentos, passageiros e cartas chegassem aos respectivos destinos, suprimindo as carências, levando boas novas e melhores condições aos destemidos pioneiros deste pedaço de chão. E no retorno,

rumo a Porto Velho, seus vagões repletos transportavam produtos agrícolas, gado, castanha, borracha, couros e ipecacuanha, resultado das ações empreendedoras eficientemente geradas aqui, na bacia dos rios Guaporé/Mamoré. E levavam ainda gente, pessoas, homens, mulheres e crianças, plenas de sonhos, carregados de esperança...

A Ferrovia é feminina, logo sensível, delicada, afetiva e intuitiva; como a mulher que deu à luz, foi criando várias filhas, cuidando, zelando para que nada lhes faltasse, ou, que o mínimo lhes sobrasse, fazendo verdadeiras *escolhas de Sofia*, protegendo até onde iam os seus limites, a sua esperançosa prole, representadas pelos lugares implantados, servidos a partir da sua presença.

Jamais, enquanto nos palpita o coração, nos curvaremos a esse abandono porque somos sentinelas avançadas, somos descendentes dos destemidos pioneiros que nestas paragens do poente gritam com força: Somos brasileiros!!! Ao contrário, porém, em função da honrosa e privilegiada condição de descendentes daqueles que a viram forte, ativa e altaneira, jamais a deixaremos ficar relegada e esquecida. Esta celebração é prova inequívoca do respeito e da devoção que a ela - a Ferrovia da integração- os rondonienses devem e precisam cultivar.

Cabe a cada um de nós lutar com raça, afinco e tenacidade para soprar sobre ela a mesma vida que no passado tanto distribuiu. É preciso agir, cobrar, gritar, espernear e focar na recuperação, ainda que parcial, da principal iniciativa socioeconômica, no limiar do século XX, que os céus de Rondônia puderam ver de forma soberana e altiva, porque, senhores: Valeu, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré! Valeu, Ferrovia dos homens! Valeu Ferrovia que viveu várias existências! Valeu, querida Mãe

dadivosa, como instrumento de integração! Valeu, Nossa Senhora da Madeira Mamoré! Valeu, Estrada da Redenção! Valeu, Ferrovia da Integração! Valeu, Ferrovia da Vida! Valeu Ferrovia dos homens! Valeu Ferrovia de Deus!”

Agora que resgatamos estas citações por quem sabe e participou, cabe-nos, não mais tão jovens, rebuscar nas nossas ousadias juvenis e, enquanto rondonianos -“*Integrar para não Entregar*”, lembram? – exercer o sagrado poder de desfrutar da memória aqueles feitos, até então não tão considerados como tal, e, em algum momento resgatar a história registrada em papel, do que foram aqueles dias, o que havíamos feito, o quanto representou para cada um e que mensagem podemos dar de civilidade, cidadania e amor ao próximo.

E eis a nossa estória inicial de Guajará-Mirim

Antes que a história tome múltiplos rumos, apresso-me a incluir o que corresponderia à minha parte nesta excursão pela vida de Guajará-Mirim. Como já revelei, a minha história inicia-se depois, mas bem antes do que imaginam, no já distante ano de 1969, em fins janeiro mais precisamente.

Foi quando tivemos a oportunidade de vir até aqui como alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul participantes do Projeto Rondon Nacional III. Isso me fez me aproximar ainda mais da família Bouchabki, de suas vivências, de um modo de vida e de um convívio familiar que uma cidade ainda pequena poderia carinhosamente oferecer.

Algumas das descries discentes efetuadas são aqui reveladas, pois foram guardadas como um tesouro por este então coordenador na época. Contudo, vamos inverter a ordem cronológica dos fatos. Iniciamos por seu final, numa ansiedade expressa pelo *gran finale* daquela já para nós epopeia. Ao procurar transpor a temporalidade indelével, como não deixar de nos emocionar com as palavras elogiosas recebidas naquele 05 de fevereiro de 1969? Ao ter a graça de poder voltar no tempo, queremos agradecer aos daquela terra por terem nos propiciado hoje, também, momentos de reflexão e de alegria.

Ao retornarmos ao saudoso prefeito de então, Sr. Ruy Rodrigues de Almeida, sentimo-nos como que cumprindo uma determinação histórica. Ao perpetuar em Portaria Municipal um "*Elogio Público aos Participantes do Projeto de 1969*", num sentimento de gratidão a todos aqueles que lá estiveram, fez com que nós, rondonianos, não deixássemos que aquele momento fosse esquecido pelo tempo.

Capítulo 10

Conforme o escritor Paulo Saldanha, Ruy Rodrigues de Almeida foi tudo como servidor municipal e acabou transformando-se numa fulgurante estrela no firmamento Guaporé/Mamoré, em face do idealismo com que atuava no cenário regional. Um exemplo edificante como Maestro, comandando uma equipe voluntariosa quando exerceu por designação dos Governadores, durante mais de 8 anos, o cargo de Primeiro Mandatário deste Município.

Se o tempo passou, ao contrário do que possam imaginar, a lembrança que guardamos cada vez mais se aviva. E saibam que nos deliciamos, quando eventualmente cruzamos com alguns deles e sentimos a sensação de saber que temos alguma coisa em comum - o povo de Guajará-Mirim tem culpa nisso.

Que fiquem nestes registros, que voltamos a descrever, a concretização de um sonho acalentado por todos: de nunca nós esqueceremos dos dias, das terras, das matas, da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o carinho de seu povo. Sabermos o quanto possa ter representado a nossa ida e ter nos conhecido já é mais do que suficiente para compreender que valeu a pena!

Embora reconhecendo nesta mensagem uma manifestação tardia de cada um dos componentes do

Projeto Rondon III, como fato inesquecível que é, temos - neste momento e noutros que certamente virão, a certeza da sua relevância pela eterna contemporaneidade com que se reveste.

Vamos nos deter em relatos que fogem dos aspectos quantitativos da atuação das diversas equipes em seus locais específicos, não que estes dados não sejam importantes, mas para que atinjamos os objetivos desta publicação, temos na sensibilidade auferida e na afetividade eventualmente existente uma prioridade. Mesmo que essas possam não ter sido totalmente atingidas e, às vezes, possam não ter sido amistosas, tudo fez parte do jogo.

Os dados sobre a nossa chegada até Guajará-Mirim estão resumidos no anexo a seguir e refletem algumas peculiaridades que envolvem esta vinda. O que está descrito datilografado é cópia da 1ª página do Relatório original feito logo após o retorno da equipe do Projeto Rondon a Porto Alegre pelos participantes nos diferentes locais designados.

Seguindo uma nomeação aleatória, iniciamos pelo grupo de *Jorge Priori* (MED), *Raul Haunstein* (ODONTO) e *Irineo Agostini* (ENF) que estiveram no *Forte Príncipe da Beira*, bem como em *Costa Marques*, e aí vivenciaram que a contradição acontece. Se nesta houve receptividade e alimentação boa, já no *Forte* o contraditório acontece.

DADOS SOBRE CHEGADA ATÉ GUAJARÁ-MIRIM

- Dia 6/1 - partida de Porto Alegre, em duas turmas:
1ª turma - 12:00 pelo Caravelle da Cruzeiro do Sul
2ª turma - 12:30 pela FAB
- Dia 7/1 - partida do Rio de Janeiro pela FAB - U54 2408 paraquedista
chegada a Campo Grande as 12:20 (11:20 hs hora local)
- Dia 8/1 - partida de Campo Grande - 16:30 hs da manhã por U46 da
Paraense.
chegada a Cuiabá, às 8:30 hs.
partida de Cuiabá as 9:00 hs.
chegada a Porto Velho as 12:30 hs.
- Dia 9/1 - partida de Porto Velho às 18: 6:00 hs. por ônibus até Girau
onde chegaram às 8:45 hs. Não pode haver conexão com a trem,
pois este sofreu uma avaria minutos antes de chegar até este
local. Foi solicitada a vinda da Litorina, que transportou
14 dos 25 elementos que lá se encontravam. Ao voltar para re-
colher os demais, sofreu também uma avaria, e o restante da
turma teve que pernoitar em Girau, saindo no dia seguinte.
- Dia 10/1- Parte de Abunã a primeira parte da turma para Guajará-Mirim
as 8:30 hs. da manhã. A segunda parte partiu de Girau por
trem as 18:30 hs, chegando a Abunã as 23:45 hs, onde pernoi-
tou. Enquanto a primeira turma já se encontrava em Guajará-
Mirim, a segunda ali estaria no dia seguinte.
- Dia 11/1- Partida da segunda turma de Abunã às 9:30 hs por ônibus ce-
dido pela Prefeitura Municipal de Guajará-Mirim, chegando ao
seu destino as 13:30 hs.
- Dia 12/1- Livre para passeio pela cidade. Domingo.
- Dia 13/1- às 9:00 hs. reunião geral com participação de autoridades
civis, militares e eclesiásticas sediadas no município, oca-
são em que foram apresentados os componentes do Projeto-
Rondon III, seus devidos grupos de trabalho, áreas de ativi-
dade, sendo feitos os primeiros contatos dos diversos grupos
com os respectivos setores de trabalho.
- Dia 14/1- Início oficial das atividades dos diversos grupos.

Por não terem sido esperados, supõe-se que o comandante estivesse alheio ao espírito do projeto. É provável que não tenha tomado ciência das instruções recebidas e talvez nem as tenha lido no seu devido tempo. É uma realidade que tem suas consequências.

Já na área da Educação, *Elvira Panatieri* e *Betty Muller* (professoras), com uma sequência de palestras, trazem informações desenvolvidas na *Escola Paulo Saldanha*, cujos temas abrangem suficientemente a agricultura hoje enfatizada como familiar, sua implicação com a saúde, hábitos de higiene, alimentação básica e vitaminas, cuidados com uma boa digestão, criação doméstica de galinhas e de

pequenos animais, a escola saudável, entre tantos outros. Trata-se de uma edição que também envolveu entrevistas com pessoas em geral, horas de recreação com

crianças e atualização pedagógica de professores do Curso de Férias.

Os dois alunos participantes da área da engenharia e arquitetura, *Flávio Maffazioli* (ARQ) e *Suzana Santos Boos de Oliveira* (ENG), atuaram vinculados à Prefeitura. Tiveram uma atenção deliberada que contemplava o uso de materiais de construção já disponíveis, evitando projetos com orçamentos muito elevados. O levantamento de necessidades é prioritário. Esta filosofia de trabalho dá uma noção da seriedade com que se dedicaram às tarefas.

Salienta-se o levantamento topográfico das *Praças Dr. Mário Corrêa e Barão do Rio Branco*, sendo que em uma delas detalham-se estudos, anteprojetos e projetos que incluem o recanto cívico, bar explorado pela Prefeitura que sustenta a manutenção da própria Praça, *playground* para crianças, lago com tartarugas, 45 árvores de 7 espécies típicas da região.

Custa-se a crer que criaram em tão curto espaço de tempo de 35 dias um verdadeiro *Plano Diretor* que se detinha no planejamento urbano, levantamento topográfico plani e altimétrico, saneamento e rede de esgotos, Praça da Catedral, levantamento e projeto da praça de esportes, bem como o projeto de uma praça na

Colônia Agrícola do IATA.

Já no Hospital Perpétuo Socorro, *Maria do Carmo Mendonça Rodrigues* (FARM), *Márcio Campos Demeneghi* (MED) e *Jorge Alberto Buchabqui* (MED) puderam praticar vivências de um incipiente aprendizado e trocar conhecimentos técnicos e populares, contando com uma atenção generosa do Dr. Helio Struthos Arouca, tendo não só a desconhecida malária como pano de fundo primordial e principal causa de outros desdobramentos na saúde da população, mas também que não negligenciassem condutas na área da ginecologia, obstetrícia e cirurgia geral.

A integração de alunos da medicina e da bioquímica proporcionou uma agilização diagnóstica nos exames clínicos que faria inveja aos laboratórios de antanho. Já se desenhava o que representa a integração interdisciplinar ou interprofissional, hoje ainda mais necessária do que nunca.

Para estes então alunos, hoje já tendo percorrido e muitos finalizando suas próprias trajetórias profissionais, torna-se imperioso dizer o quanto esta convivência fez com que acrescentassem valor ao conhecimento científico e à vivência, nas quais o componente social toma uma relevância que muitas vezes foge dos bancos escolares. O mesmo caminho foi seguido pelo grupo de alunos que atuam com o *Programa Humanitário do Padre Bendoraitis*, que são: Elmo José Zibetti (ODONTO), Vicente Januário Garcia (MED) e Jessi Soares (FARM).

Já a Colônia do IATA teve uma atenção especial expressa por uma equipe

ampla na qual *Roberto Westhal* (MED), *Sérgio Machado* (ODONTO), *Albino Mantelli* (AGRO), *Paulo Arnizaut* (VET) e *Pedro Jacques* (SOCIOLOGIA) exerceram atenções em suas áreas específicas. Relatam um agradecimento pela atenção recebida bem como a hospitalidade da população local, além de satisfazer a curiosidade deles como alunos em relação aos problemas da região. O relatório amplo que fazem impede seu detalhamento, mas esperam que os resultados auferidos tenham trazido benefícios mútuos, tanto na parte técnica como na de relações humanas.

Abia da Silva Mesquita e *Silvia Regina Freitas Amorim Parga*, como estudantes de Assistência Social ou Sociologia, sentiram talvez mais que todos o que o futuro lhes reservava. Os contatos diários com problemas sociais da população fizeram com que se debrucem com situações variadas, mas comuns aos que estão expostos mais fortemente à desigualdade social.

E aí o caminho trilhado inicia pela conquista da confiabilidade, já que a descrença vigora e deve ser vencida perante as suas inúmeras dificuldades. Como fazer com que pudessem minorar uma velhice desamparada, sem possibilidade de sustento, menores abandonados, órfãos maltratados em casa, falta de sanitários e sua impossibilidade de construção devido ao terreno alagadiço, falta de esgoto e abertura de fossas? Algumas destas situações mereceram orientações possíveis, como o incentivo ao trabalho em grupo utilizando recursos e capacidades próprias; orientação para construção de fossas. Era o que encontraram no então Bairro Constituição.

No Bairro Triângulo, a prioridade era a demarcação de terras que impediam aos moradores construir suas casas de alvenaria, segundo alguns deles. Interessante ainda para a época a utilização da palmatória como método de ensino, já considerado antipedagógico por excelência. Mas

neste local, apesar da pobreza e carência de recursos, havia certa noção da realidade e consciência, limpando como podiamm suas moradias, melhorando-as conforme suas condições. As ruas, contudo, estavam abandonadas, com mato e grama, água acumulada das chuvas podendo ocasionar doenças.

Quanto à Cadeia Penal, aventava-se a possibilidade de criar uma Colônia Penal, e verificaram que os apenados viviam em completa inércia, sem preparação para o trabalho e vida futura. Mas alguns mais esclarecidos davam aulas aos outros. A alimentação era escassa, precária e intervalada em demasia. A proposta de criação de uma escola profissional poderia minimizar a situação, inclusive extensiva aos filhos dos presidiários, órfãos, etc. Teria boa receptividade da comunidade.

Outra sugestão quanto à Colônia Penal seria separar os internos presidiários

dos doentes mentais dando-lhes atividades e terapia ocupacional. Interessante ver este termo colocado na época quando hoje se constitui uma opção de trabalho profissional chancelado por curso superior.

Estas histórias repetem-se nas visitas efetuadas às linhas do IATA, ao Palheta e Ribeirão que, embora sejam salientadas logisticamente por ter seu foco na região, não são em nada distintas das encontradas nos diferentes rincões deste imenso país, naquela época e ainda hoje certamente, para nosso eterno desafio de vencer esta desigualdade social e humana.

O desânimo manifestado pela Associação de Proteção à Criança com a falta de incentivo ou ajuda faz com que pensem em desistir perante a quase ausência de resultados. Caberia fazer com que fossem estimuladas mostrando a grandeza do trabalho exercido, mobilizando os jovens para uma atividade conjunta.

O contato com o *Clube da Juventude*, através de sua coordenadora, Irmã Maria Rosa, mostra um trabalho dedicado com crianças e jovens, mas também ali a falta de motivação imperava. Atividades de integração com a comunidade, através da participação da Prelazia, 6ª. Cia de Fronteira e Projeto Rondon em atividades esportivas e shows que dessem recursos à associação.

Na Sagarana, uma colônia indígena, *José Carlos Celaro* (AGRO), *Paulo Blota* (ENG) e *Luciano Fochesatto* (ENG) dedicaram-se ao planejamento e utilização de uma Vila Residencial e Educacional, com uma Escola Agrícola. Além disso, realizaram observações quanto à administração de métodos para desenvolvimento das atividades. Para isso, diversos passos foram definidos e, além do aspecto técnico,

uma atenção especial com os líderes locais mereceu cuidados.

Esta mesma equipe atua em Guajará-Mirim onde detalha plantas e dá início à construção de um forno para 40 mil tijolos. Faz palestras para os funcionários da Sub-Secção de Fomento Agrícola da cidade, assistência técnica aos agricultores e fazendeiros, coleta de amostras de solo para análise e palestras na Rádio Educadora local.

Embora um pouco extensas, estas descrições resgatadas do tempo, constituem um registro oficial de uma época já longínqua, mas que está escrita na história de Guajará-Mirim e como tal não poderia deixar de ser lembrada como uma passagem tão significativa, não só para os então jovens acadêmicos, mas como expressão do sentimento em que estavam imbuídos.

A história oral

A escolha da História Oral como metodologia-chave para a elaboração dessa pesquisa nos pareceria adequada, pois nos possibilitaria uma maior aproximação com o cotidiano dos agentes históricos. Permitindo também a perspectiva de enxergarmos a trama das relações sociais vividas entre presente e passado, são criados e [re] criados os mais diferentes sentidos da realidade. Ao produzir consciências e referências identitárias, orienta-nos sobre a importância de trabalhar e sondar o processo de visão de uma pessoa pública.

Através da história oral, é possível reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma determinada sociedade, sendo esta uma de suas principais riquezas. A complementaridade entre as fontes e a interação entre o pesquisador e o pesquisado permitem a exposição e a utilização do que ficou guardado e/ou esquecido.

Faz-se necessário salientar que uma entrevista, por mais sintética ou extensa, rica ou evasiva que seja, representa uma variedade de visões de um indivíduo socialmente

inserido em diferentes situações; permite o estudo de como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram suas experiências.

Diante e, apesar destas colocações, seria até mesmo estranho querer antecipadamente afirmar nossa disposição de transgredir as normas vigentes quanto ao que entendemos por história oral. Sabemos que, quando se opta pela transcrição da história oral, no caso, de um pioneiro amazônico, deve-se associar à necessidade de comparação entre fontes escritas e depoimentos orais, e com isso cria-se tanto possibilidades de uso como também limitações, possíveis

contradições e pontos de convergência.

Por tratar-se de estratégia de pesquisa interessante, de relato de história de vida, recupera uma memória oral passada de geração em geração, sendo que suas informações preenchem lacunas deixadas pelas fontes escritas. Neste caso, metodologicamente, por vontade do autor, sucede-se até o contrário, ou seja, a história oral dando guarida à busca de fontes escritas.

Não há, no caso presente, uma preocupação de garantir o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos. Mais uma vez abrimos mão da metodologia em favor da originalidade. É mais um desafio que optamos por enfrentar. Embora sem roteiro e sem uma maneira disciplinada de controlar o depoimento, obrigou-nos, como contraponto, a reunir outras fontes escritas, não para realizar a contraprova e excluir as distorções, mas antes para reafirmar o quanto possível a veracidade e não e tão somente os enganos e distorções do depoente.

Conforme Ferreira (2000), nesta vertente, a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos, não estão basicamente voltadas para a checagem das informações e a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central.

Essas considerações de ordem geral sobre as possibilidades de uso dessas fontes foram aferidas a partir de um estudo sobre a imigração libanesa, centralizado no depoimento oral de um pioneiro da Amazônia, em sua trajetória até Guajará-Mirim, Estado de Rondônia, nos primórdios do século passado. Um dos objetivos, além do

resgate histórico em que está imbuído, é contemplar, sob a visão de um precursor do desenvolvimento regional, os desafios a que se submeteu, imigrante de outra terra, de outra língua e de outra cultura.

*Quem foi Tanous Melhem
Bouchabki
Tio Tanous*

Começando pela busca na literatura Guajaramirense, não foi difícil, tendo em mãos o que a escritora Tereza Chamma nos diz. Vou copiar quase integralmente o texto que está no seu livro épico "Guajará-Mirim – A Pérola do Mamoré", de 2012.

Filho de Melhem Tanous Bouchabki e Manum Bouez Bouchabki, nasceu em Sarba, Líbano, no dia 09 de setembro de 1909. Aqui chegou em 1925 com 16 anos de idade, tendo passado 8 meses em Abunã, vindo depois para Guajará-Mirim onde começou a exercer a profissão de comerciante, associando-se mais tarde a seu irmão Abdon, num estabelecimento denominado Loja Primavera. Para os da terra, situava-se onde depois foi a Drogaria Fialho.

Esta loja que vendia de tudo, até mesmo artigos de *primeira necessidade* funcionou até 1930, quando ele decidiu retornar ao Líbano. L ficou até 1938, sendo que neste período contraiu matrimnio com Dona Toufia, quando a

saudade bateu mais forte neste coração libanês, sem menosprezar sua querida Pátria.

Mas mudou o seu ramo de atividade abrindo uma indústria de confecção de malas, de colchões, maletas, vassouras e sabão. Estas atividades em sequência são relatadas por ele mesmo detalhadamente quando dá vazão às suas memórias que em boa hora adquiriram visibilidade para nosso gáudio.

Tempos mais tarde montou uma serraria. Após alguns anos com a mudança

da situação econômica do país e com o término da segunda guerra mundial, determina o encerramento desta atividade e volta-se para o comércio com uma loja de ferragens, sendo que ainda teve fôlego para criar uma indústria de móveis de ferro e fôrmica, gerando emprego e divisas para a cidade, fomentando a economia e levando o nome da indústria guajaramirense para a Bolívia e para Rio Branco, Porto Velho e Manaus.

Hoje, sem temor de errar, pode-se dizer em alto e bom som que Tanous foi o precursor da indústria em Guajará-Mirim. Ao suprir as necessidades da cidade como dos seringais adjacentes, não mediu esforços para atender a vasta clientela formada. Daí o eleger como um homem progressista, exemplo de dignidade, fidalguia, de compreensão, de educação, vontade de crescer e trabalhar pelo engrandecimento deste pedaço de solo brasileiro.

Memórias de Tanous

Esta é uma transcrição livre com os riscos inerentes que uma fidelidade poderia merecer, mas que não retira a vontade de que chegasse ainda a tempo para que pudéssemos desfrutar daqueles momentos.

Num cenário eminentemente familiar, um avô e seu neto põem-se a descortinar uma história de vida como poucas vezes tivemos oportunidade de conhecer. Cercada de circunstâncias que surgiam narradas por quem realmente as vivenciou, tendendo à sagacidade de alguém disposto a avidamente escutá-lo. Ainda bem que estes personagens puderam pensar além do seu tempo, e agora os guardaremos para que possam se perpetuar um pouco mais longe do tempo que puderam desfrutar. É um belo exemplo de que a história agrega valores e ativa nossa curiosidade além dos próprios fatos que lhe deram origem.

Sempre há uma possibilidade de que possamos pressentir o quanto representa a presença de imigrantes sírio-libaneses e quanto contribuíram para que Guajará tivesse o progresso merecido, tornando-a tal como da terra fossem. E certamente agradecidos por tudo.

Suas origens, infância, escola....

meu pai, chama Sara. Cheguei a conhecer

S
r
.
T
A
N
O
U
S
1

¹ N.T.: toda a fala do Sr. Tanous foi transcrita em português, desconsiderando o sotaque libanês. Não se trata de nenhum tipo de *tradução*, apenas o mínimo necessário de adequação de detalhes, a exemplo de "E acabou guerra" para "acabou a guerra" (1º parágrafo, nesta página), da concordância dos artigos etc. Em colchetes comentários da transcritora. Em tempo: em muitas partes do texto ele fala (e foi transcrito) verbos em tempo presente, quando, na verdade, ele refere ao tempo passado; não foram alterados para seguir mais a risca possível sua fala, mas é possível entender pelo contexto.

-

A

m

i

n

h

a

v

ó

,

m

ã

e

d

e

ela bem porque eu tinha a idade de mais ou menos uns doze anos quando ela faleceu, mas eu lembro bem bem [frisa] dela. Então nosso pai passou a 1ª Guerra Mundial. Era fome, era miséria, a Turquia lá "apertou o cinto". Apertou tanto para matar mesmo. Morreu a metade da população do Líbano de fome por causa da Turquia. Então, meu pai, ele lutou durante esse tempo todo e nos criou: dez filhos; sete homens e três mulheres. Passou a guerra; não morreu ninguém e não houve remorso de ninguém.

Entrevistador – Quais os nomes dos seus irmãos, Vô?

Sr. TANOUS – Meus irmãos? Meus irmãos começam assim, do grande para baixo. Mulheres chama Said... Said já faleceu, mulher. Depois Abdon, depois Tufi, depois eu, Tanous, depois Elias, Sraia, Jorge. Quem mais? Só isso. Já faleceram todos. Ficou o Jorge agora, lá no Líbano. Ficou o Jorge e eu aqui. O resto faleceu todos. Agora o que vou contar também.

E acabou a guerra, até que meu pai tinha um dinheirinho na mão dele. Muito vivo meu pai, era muito vivo [frisa], trabalhava, lutava e tinha uma área de plantação lá no Líbano; uma área muito boa para plantação. A maior e melhor área do Líbano. E trabalhava com isso e negociava. Leva fruta para um lugar, compra gado aqui, compra burro de outro lado, vende e compra e trabalha em todo lugar na situação da guerra. E fomos vivendo.

Depois eu estudei no Frei marista - eu e meus irmãos. Eu estudei até o quarto ano primário, só. No Frei Marista naquela época era gratuita, escola gratuita [esclarece], paga pelo governo até quarto, quinto ano primário. Mais que isso tinha que ir para outra escola; meu pai não tem condição então até aí. Então eu saí da escola e fui... me botou [pai] numa fábrica de calçados. Trabalhei com

c
a
l
ç
a
d
o
s
;
t
r
a
b
a
l
h
e
i
u
n
s
d
o
i
s
a
n
o
s
n
a
f
á
b
ri

ca de calçados. E aprendi a fazer calçado. Até agora se você me dá material eu entrego um sapato costurado todo à mão, todo bem feito.

Entrevistador – Qual o nome do Seu pai, Vô? **Sr. TANOUS** – Meu pai é Melhem...

Entrevistador – Da sua mãe?

Sr. TANOUS – Manun... Manun...

Manun Buaes **Entrevistador** – Qual o nome do Seu Avô?

Sr. TANOUS – Meu... Nome do meu... Tanous... não...
[reformula] Melhem Tanous Bouchabki. Melhem Tanous... O meu vô, pai de meu pai, chama Tanous...

Entrevistador – E o Seu Bisavô?

Sr. TANOUS – Bisavô dizem que chama Muhsin, mas já não conheço mais; muito antigo.

Sr. TANOUS – [segue falando] ... a sua avó, porque são vizinhos. Perto da casa onde eu moro mais ou menos não tem 200 metros longe de casa a casa deles. É uma família conhecida lá porque na nossa cidade, Sarba, um conhece o outro. Não tem gente estranha, porque eles não viajam e não vem gente de fora morar como aqui. Os que nascem lá crescem e vão aumentando. Vai crescendo e, quando não tem mais lugar para eles morarem, então eles vão para a cidade vizinha. Mas é difícil vir gente de fora pra morar na nossa cidade. Agora com essa guerra entre judeu, árabe, aí encheu o Líbano, porque acharam lugar mais seguro, avançaram, avançaram na nossa área.

A gente quer sempre mais crescer. Então me disse lá, muita gente me disse que se eu for de novo lá eu não conheço mais o lugar de tão grande que ficou porque veio por toda parte do Líbano, principalmente os católicos. E lá gente tem indústria, é rico. Construíram, daí abriram comércio, indústria. Cresceu muito a nossa cidade, muito, muito, muito por causa da guerra.

Entrevistador – O primeiro dos seus irmãos que chegou a Guajará-Mirim foi o Tio Tufi. Aí veio o Senhor...

Sr. TANOUS – Sim, eu...

Entrevistador – E o Tio José?

Sr. TANOUS – Depois chegou Abdon e depois chegou o José... Não, Elias! [corrige-se]. Elias chegou também antes de Abdon, mas não demorou, demorou um ano e meio. Ele não gostava daqui; o pai mandou ele pra cá, mandou ele porque ele ia casar com uma moça lá que não é nossa alçada, não é nossa. Afastou ele de lá... Mandou ele pra cá.

Q ulher... a menina. Mas ele não gostou daqui, ficou um ano
u e meio só.

a Depois veio o Abdon, depois veio o Youssef e depois
n veio o Nagib, filho de meu irmão Elias, meu sobrinho e
d afilhado. Eu batizei ele quando era pequeno, quando tinha
o um ano e pouco, não chega a dois anos; ele e o irmão
v dele, o Jorge. A família se vê cultura de quando tem festa,
o tudo junto. Tudo junto, alegres, satisfeitos, contam piadas,
l conversam. É uma grande alegria pra mim; uma grande
t alegria. Eu quero que continue a família assim unida.
o Quando uma pessoa sai, já corre todo mundo, todo
u mundo... sempre...

54

l
á

t
a
v
a

c
a
s
a
d
a

j
á

a

m

Quando vim a primeira vez foi em 1925. Tinha 16 anos de idade. Voltei em 1930 doente pra me tratar lá. Me tratei lá e fiquei 7 anos. Voltei para o Brasil em 1937, mas esse período todo lá trabalhei com comércio.

Entrevistador – Em 1923 eu era pequeno, mas ajudava meu pai como podia na horta, plantação. Em mil novecentos e vinte e... Depois então eu me empreguei...

Estudava primeiro. Depois que termina estudo, tirei quarto ano primário. Depois, então entrei numa fabriqueta, pequena, fábrica de calçado. Aprendi bem e cheguei a fazer um sapato, um par de sapatos deu para fazer, aprendi até 1925. 1925, a minha tia, daqui de Guajará-mirim morava em Abunã, escreveu para meu pai, pra ver se tinha algum rapaz, algum filho para entregar uma loja. Mas antes de escrever para ele, meu tio aqui, que morava em Guarajá-Mirim, escreveu pra meu pai pedindo um dos filhos para entregar uma loja. Então mandou Tufi, meu irmão Tufi. Então meu tio trabalhava aqui em Guajará-mirim, comércio onde está a...

Entrevistador – O seu tio por parte de pai ou por parte de mãe?

Sr. TANOUS – Por parte de pai... Chama Najib. Então ele trabalhava onde é a Drogaria Fialho lá. Essa loja foi ele quem construiu. Então entregou a loja para meu irmão Tufi e a minha tia escreveu para meu pai pedindo mais um. Meu pai escreveu "tenho um, mas é de menor", era eu, tinha 16 anos. Então ela disse "dá-se um jeito".

Mas tínhamos uma senhora da nossa cidade que trabalhava em Belém do Pará, casada, ela tinha um banco no mercado, mas tava lá de passeio. Então meu pai aproveitou e me mandou com ela. Eu era de menor; não podia viajar. Então meu tio aqui, Nagib, entregou a casa pra Tufi e foi com a família dele em Belém do Pará e ficou me esperando chegar lá.

. Fiquei lá uma semana, não sei quanto, depois quando chegou um navio, fluvial, que é de Porto Velho até Belém. Lá ele não tinha algum patrício para me mandar como companheiro, porque era de menor, mas ele conhecia lá o subcomandante do navio. Me mandou com o subcomandante do navio, do mesmo navio, até Porto Velho, porque eu não sabia nem falar e era de menor.

Dito e feito. Cheguei a Porto Velho. Lá em Porto Velho fiquei na casa de Bouez. São primos de minha mãe, Salim Bouez e Rosala Bouez. Então me mandaram depois para Abunã.

Entrevistador – [interrompe] ...e desde quantos anos os seus tios estão aqui?

Sr. TANOUS – Ah, o primeiro tio que veio e estava aqui eu calculo em 1919...

depois da guerra mundial, porque época de guerra terminou em 18; ele não viajou 18, ele deve ter viajado em 19... 19 ou 20 veio pra cá, para o Brasil. Mas aonde ele foi primeiro eu não sei, se pra América e depois veio pra cá. Eu não sei. Eu sei que ele está aqui desde 1919 ou 20, por aí. Foi ele que chamou primeiro o meu irmão Tufi; depois a minha tia me chamou também e depois foi indo, foi chegando irmãos e coisa e estabelecemos aqui.

Cresceu muito a família. Agora eu penso muitas vezes ir para outro lugar viver, mas eu não tenho condição de deixar netos e bisnetos. Não dá! Aprendi o idioma, aí então chegou o Tufi, meu irmão, que estava em Guarajá-mirim. Então ele puxou igual ao meu tio, pai do Antônio. Não sei se já ouviu falar, é meu tio, o tio menor, porque os meus tios são sete tios que tem.

Entrevistador – O Senhor lembra o nome deles, não?

Sr. TANOUS – Não, o menor chama Yussef, outro Salim, Najib, Jorge, Mussi, Abdon, são seis. É, seis, sete... [pensando] São sete homens e três mulheres. Duas eu conheci e uma faleceu talvez antes de eu nascer. Uma é minha Tia Emília que me trouxe pra cá, mãe do Buchara, é irmã de meu pai. E tinha outra tia na América, mas ela deve ter falecido, faz muitos anos. E tem outra tia que faleceu antes de eu nascer; não sei muito bem. Aí ficamos... chegou meu tio e chegou o Abdon junto.

Quando chegaram juntos os dois, então a minha tia disse "agora eu vou viajar, com meu marido, com meus filhos e vou entregar a loja". A loja até entregou, aqui em Guajará Mirim... [segue a fala da tia] "...e vamos entregar isso aqui...", "tá bom, então como é?..." "Então vamos fazer o seguinte: vai ficar Yussef e o Tufi em Abunã, sócios..."

[aqui em Guajará-mirim porque o Abdon, meu irmão, não sabe escrever em português bem. Ele não sabe fazer contas, eu tenho mais estudo que ele.

g Então eu fiquei com Abdon pra tomar conta da loja. Tinha que escrever, ler, ter mais estudo. E ficou assim. e Então eu vim pra cá com Abdon, tomei conta da loja e o e Tufi ficou com Yussef na Abunã tomando [conta] a loja. e Então meu tio já foi abrir ali em Fortaleza de Abunã loja e x meu tio Tufi ficou em Abunã e eu fiquei aqui com Abdon. p

Por que Guajará-Mirim?

c Depois, com o tempo, o meu tio – chama Nagib e minha a tia – chama Emília –

[
s
e
g
u
e
e
x
p
l
i
c
a
n
d
o
]
e

e
u

c
o
m

o

A
b
d
o
n

casado com meu tio chamado Abdon Bouchabki. Eles vieram, não sei para onde, em que lugar, mas foram cair aqui. Aqui, Guajará-mirim, porque minha tia Emilia, 1919-1920, depois da Guerra, um ano, um ano e meio veio para cá. Então meu tio viveu aqui nesta cidade e não tinha nada; se tinham dez, quinze casas construídas era muito.

Então ele foi e construiu uma loja para negociar, atualmente onde é Drogaria Fialho. Ele mandou construir, meu tio. E construiu aonde é Armando Elage agora. Ele mandou construir e ajudou o pedreiro que construiu as casas porque ele era pedreiro; não era pedreiro... porque tem lá. Varia porque tem o pedreiro e tem outro que faz o reboco. Ele era afamado em reboco. Ele rebocou as casas e até agora estão as casas aí.

Mas mil novecentos - mais ou menos - e vinte e quatro eles tiveram filhos. Eles já precisavam de aulas, eram muito doentinhos aqui e queriam sair daqui, mas não tinha condição dele tirar a casa, a cidade pequeninha, demais pequeninha. O negócio, o comércio era em frente à Praça. Hotel Guajará é na frente. Aquela rua somente; duas casinhas e nada mais. Tudo era mato aqui. Então ele se lembrou de escrever para o meu pai - ele tava vivo ainda naquela época - se ele tem algum filho que tem condições de receber, de tomar conta de uma lojinha aqui.

Entrevistador – O Senhor era em quantos irmãos, vô?

Sr. TANOUS – Éramos dez irmãos: sete homens e três mulheres. [retoma] Então o meu pai mandou Tufi, que era muito esperto. Ele tem mais um ano de estudo do que eu... ele mais um ano e mais esperto e tem mais idade também. Mandou pra cá. Chegou aqui, muito bem e tal e coisa e entregou a casa pra ele; entregou a casa e gostou muito. Aí minha Tia Ahuma ela disse "também eu quero um, se tiver um aqui eu também quero ir ao Líbano e meus filhos

e
s
t
ã
o
l
á
".
E
l
a
m
a
n
d
a
v
a
o
s
fi
l
h
o
s
d
e
l
a
l
á
p
r
a
a

vó deles lá e ficou uma parte aqui, uma parte lá e eles queriam ir embora. Então escreveram para o meu pai: “se tem igual a Tufi, pode mandar... que vai receber uma casa de comércio”.

Então minha mãe escreveu que “tem um, mas é menor de idade, não tem condição de mandar”. Então aqui meu tio com minha tia. Eles disseram para eles que então se dá um jeito, “manda ele pra cá”. Era menor, quantos anos tinha...

dezesseis anos. Dezesseis. Até chegar aqui, aprender idioma, “fica comigo um ou dois anos, quando tiver já maior de idade já pode tomar conta da loja”. Aí aconteceu de uma senhora lá da nossa cidade, ela trabalhava em Belém do Pará, em banca no mercado e era casada com um senhor lá de Beirute. Eles foram lá de

passeio e meu pai aproveitou e mandou por essa senhora com um sobrinho dela. Eu vim viajando. Vim com ela até Belém do Pará, porque meu tio escreveu daqui, "quando... se quiser mandar, resolver mandar ele, eu to esperando ele em Belém do Pará".

*O Pioneiro Toufic Melhem
Bouchabki
Tio Tufi*

Entrevistador – O Senhor era em quantos irmãos, vô?

Sr. TANOUS – Éramos dez irmãos: sete homens e três mulheres. [retoma] Então o meu pai mandou Tufi, que era muito esperto, ele tem mais um ano de estudo do que eu. Ele mais um ano e mais esperto e tem mais idade também. Mandou pra cá. Chegou aqui, muito bem e tal e coisa e entregou a casa pra ele; entregou a casa e gostou muito.

Conforme a transcrição feita de Tanous, este seu irmão mais velho Toufic Melhem Bouchabki o antecedeu nesta vinda do Líbano ao Brasil. Também nascido em Sarba/Jounieh, em 10 de julho de 1905, compunha a família de mais nove irmãos, filhos de Melhem Youssif Bouchabki e Manum Melhem Bouchabki. Ela uma dos quatro filho do casal Elias Gebrael Halabi e Lucy Halaby.

Os relatos a seguir foram obtidos através da colaboração prestada por seu filho Antônio ao “Grupo de Pesquisa do Centro de Documentação Histórica do Tribunal de Justiça do

Estado de Rondônia” quando, através dos relatos de vida de pessoas, tornava possível construir períodos históricos. Ao se referirem à Imigração nos Vales do Madeira, Guaporé e Mamoré, nas primeiras décadas do século XX, tem em Toufic uma referência cuja história mereceu atenção especial.

Toufic chega ao Brasil em 1924 vindo morar na Vila de Esperidião Marques, atualmente Vila do Abunã, quando fazia parte do Estado de Mato Grosso. Tinha

apenas 18 anos e veio ao Brasil trazido pelos tios Nagib Bouchabki e Emilia Bichara (casada com Abdon Bichara, ambos os irmãos de seu pai Melhem). Veio para ajudar seus tios nos negócios. Saliente-se que seu pai Melhem chegou a morar no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina. Sem data precisa, acredita-se que fosse entre 1890 e 1900. Aqui, posteriormente, Toufic passou a trabalhar por conta própria vendendo bananas e em seguida comercializava lenha que fornecia para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Quando ainda era morador em Esperidião Marques, a iluminação era com lampiões e tinha um responsável todas as tardes por colocar querosene nos lampiões para em seguida acendê-los até quando ainda tivesse a substância.

Segundo Antonio, pelas informações de seu pai, Esperidião Marques tinha famílias estrangeiras bem conceituadas, formando uma sociedade importante composta pelos Bichara, Vassilakis, Mateus e outros. O tempo de permanência dele na localidade foi restrito, transferindo residência para Guajará-Mirim, passando a trabalhar com o comércio de estivas, perfumarias, ferragens e tecidos.

Em 1935, após conseguir algumas economias, retornou ao Líbano para casar. Decorridos dois meses junto com seus pais e irmãos, contraiu núpcias com Rosa Halabi Gebrael e retornou para morar em Guajará-Mirim, que também utilizava lampiões por falta de energia elétrica, cujo uso começava às 18hs e encerrava às 22hs. Quando a "luz" chegasse, Toufic queria os filhos todos em casa.

Desta união nasceram os filhos Georgette, Antônio, Melhem, Jorge e Sônia. Antônio salienta que um dos grandes orgulhos de seu pai foi ter sido correspondente do Banco do Brasil durante 13 anos, somente deixando de

sê-lo após a abertura da primeira agência do mencionado banco na cidade.

Em 12 de maio de 1937, registrou a firma Melhem, Irmãos (posteriormente Melhem, Irmãos e Cia.), e se orgulhava do fato de sua ter sido escolhida em 1951 como agente da Empresa Aérea Cruzeiro do Sul. Em 1962 constitui a empresa Toufic Melhem & Filhos, que passou a assumir aquela representação, também como comissionados da VARIG S/A como dona do controle acionário da Cruzeiro do Sul. Interessante dizer que, quando começaram os voos da antiga empresa "Condor", posteriormente Cruzeiro do Sul, o movimento fez com que a cidade prosperasse sobremaneira, bem como a região como um todo até o Acre.

Também recorda seu filho Antônio da conversa com seu pai sobre a viagem

que havia feita do Líbano para o Brasil, em companhia de sua esposa após o seu casamento. Saíram de navio de Beirute a Nápoles, na Itália. De lá vieram de navio para Recife. Em seguida para Fortaleza, Belém e São Luiz e, finalmente, Manaus. Interessante é que em cada cidade que aportava o navio sua mamãe perguntava se tinham chegado ao destino final, estranhando o fato de que caía o nível das cidades.

Em Manaus, passaram para uma embarcação menor e aportaram em Porto Velho, e mais uma vez ela indagava se tinham chegado. Imaginemos como era Porto Velho em 1935. Finalmente embarcaram no trem com destino a Guajará-Mirim. Não se sabe de sua reação na chegada, pois Guajará-Mirim era um pequeno povoado com duas ruas, sendo uma delas a atual Presidente Dutra, totalmente coberta de capim e com duas grandes pedreiras.

A vida em Guajará na época era difícilíssima, com grandes privações, não se tendo cebola, batata e verduras, que chegavam praticamente estragadas. A carne era proveniente da Bolívia. Refere Antônio que seu pai sofreu muito com cólicas hepáticas, amenizadas um pouco com compressas de gelo comprado na única geladeira que existia na então vila e que funcionava com querosene cuja "forminha" custava cinco mil réis.

Muitos eram os obstáculos. para sair de Guajará-Mirim somente de trem até Porto Velho e pegar daí um navio. Não havia ainda transporte aéreo, pois não existia pista de pouso até 1942. O primeiro avião que veio foi do tipo Catalina e se chamava Santa Maria, aquaplanando no rio Mamoré, alvoroçando a comunidade. Todos queriam ver de perto a novidade trazendo bons lucros aos catraieiros que cobravam um mil réis de cada passageiro para ver o avião de perto, mas sem direito a entrar a nele entrar.

Com o início das operações em voos semanais o movimento aumentou; porém, enfrentava dificuldades devido às condições da pista de pouso de terra tomada pelos grandes "formigueiros", danificando as aeronaves, especialmente nos períodos de chuvas.

Através desta sequência de relatos, tem-se o quão penosa era a vida dos moradores desde a época em que chegaram até a alguns anos. Uma epopeia permeada de contratempos que dignificam estes pioneiros, que persistiram criando seus filhos e os fizeram se dedicar ao trabalho, mantendo o amor pela cidade que crescia junto com eles.

Teresa Chamma, ao buscar subsídios para seu "*Guajará-Mirim - A Pérola do*

Mamoré, retroage e descreve que Toufic “desde criança já ajudava seu pai em seu trabalho, especialmente no período de imensa dificuldade e privações, como foi o período da 1ª Guerra Mundial.

Ainda no Líbano fez o curso primário no colégio dos Padres Maronitas, onde sempre se destacou por sua vontade de aprender e pela dedicação aos seus estudos, o que muito contribuiu para transpor obstáculos que teve que enfrentar durante toda a sua vida.

Desde tenra idade ouvia falar do Brasil, país que acolhia de braços abertos aos que aqui chegavam à procura de trabalho. Bem antes da vinda de Toufic ao Brasil que já tinham vindo seus tios Abdon Bichara, primeiro membro da família a chegar a Guajará-Mirim, e sua abnegada esposa Emilia, sendo esta irmã de seu pai Melhem, portanto, sua tia legítima. Este casal, conhecendo o desejo de seu sobrinho de trabalhar e vencer na vida, não teve dúvidas em trazê-lo ao Brasil. Assim, em 1924, desembarcava no porto do Rio de Janeiro aquele jovem de apenas 18-19 anos deixando bem longe seus queridos pais e irmão e sua querida pátria.

Dali embarcou para Belém a fim de prosseguir viagem a Manaus e posteriormente a Porto Velho, onde embarcaria numa viagem de trem na lendária Estrada de Ferro Madeira-Mamoré até Abunã, onde deveria ficar em companhia de seus tios e onde permaneceu apenas quatro meses.

De Abunã, sempre com espírito pioneiro, embarcou para Guajará-Mirim, onde passou a residir e trabalhar em companhia do irmão do Sr. Abdon. Passado algum tempo, retornou para Abunã, já em companhia de outro tio Youssif, irmão de seu pai, onde passaram a trabalhar em sociedade.

Graças a sua firmeza de caráter, sua dedicação ao trabalho e às amizades granjeadas, sempre gozou da simpatia de todos os que o cercavam. Foi um esposo dedicado, compreensivo, um pai amoroso para com seus filhos, dedicando a eles todos os esforços que pudessem proporcionar-lhes uma vida tranquila, bem-estar e educação. Inclusive, fez questão de que cada um de seus filhos conhecesse a sua terra natal, proporcionando, assim, uma viagem visando a mostrar-lhes a origem familiar.

Era um irmão dedicado, que ensinava a união. Assim, juntamente com seus outros irmãos Abdon, posteriormente Elias e, por fim, Tanous e Youssif, todos souberam agir equilibradamente transferindo o exemplo de dedicação, abnegação, honradez e trabalho, exercendo suas atividades e incentivando o progresso de Guajará-Mirim onde constituíram suas famílias, forjando um nome que é respeitado e admirado, conhecido como a família Melhem.

Toufic Melhem Bouchabki amava demasiadamente esta sua segunda pátria, o seu Brasil, berço da liberdade externando mais ainda este amor por sua querida Guajará-Mirim, quando dizia: "*Sou libanês de nascimento, brasileiro de coração e não troco nenhuma cidade pela minha Guajará-Mirim*".

Além deste carinho pela terra, somava-se a busca constante pelos seus parentes que, como ele, queriam nova vida. Suas seguidas viagens pelo Brasil e por países vizinhos como Uruguai e Argentina fizeram-no um peregrino agregador da família. Não cansava de nos visitar em Porto Alegre, no extremo sul do país, sempre convocando-nos a manter uma amizade perene com seus filhos e parentes de Guajará.

A nossa ida ao Projeto Rondon e a escolha desta cidade devem-se fundamentalmente a este atendimento contemplando a gratidão ao *Tio Tufi*. Como já extensamente colocado nestes relatos, foi esta jornada que deu origem, a partir de 1969, a uma sequência de contatos, de retornos a Guajará-Mirim, que culminam com esta publicação que nos faz conhecer por fim uma história mais pormenorizada de sua gente, e nos fazem retomar e atualizar um pouco da trajetória dos Bouchabki de lá.

Por isso, a inclusão deste capítulo adquire uma relevância que não poderia ser negligenciada e nos dá a oportunidade de definir estas origens e esta ligação fraterna com meus primos e com as pessoas que aprendi a conhecer e a admirar em Guajará-Mirim. A edição deste livro certamente contempla mais uma manifestação deste eterno apreço.

*É difícil imaginar o que os
poetas e escritores fariam dela
no futuro?*

Até acho que sim, mas como desmentir quem o fez e do modo que o fez, transmitindo do fundo da alma um sentimento tão puro e genuíno, de uma vivência de quem aqui nasce. É o que está descrito por Yêdda Pinheiro Borzacov (2005) testemunhando este afeto pelo lugar e por sua gente. Denominou de: **Guajará-Mirim, Cidade Poética**

A cidade em que nasci possui um bucolismo poético encantador. O céu, sempre azul, e o sol de uma claridade tropical é uma festa colorida de cintilações ofuscantes. Dá-nos entusiasmo, desperta-nos para a vida. Ninguém se sente tristonho ou desanimado ao olhar os raios solares matutinos aquecendo a cidade e as águas dos igarapés e rio. À noite, o firmamento pontilha-se de estrelas à claridade de um luar de prata, fazendo renascer sentimentos de amor, inspirando poesia.

O nome da minha cidade também é uma poesia: Guajará-Mirim! Cachoeira Pequena? Campo das Sereias ou Yaras? O certo é que tem um rio sussurrante, uma floresta luxuriante, um clima bom, embora quente, uma água saudável. Não é só quem bebe água do Madeira, em Porto Velho, que retorna. Quem bebe uma vez água do Mamoré apaixona-se pela cidade.

Guajará-Mirim é uma cidade que pulsa dentro da floresta, trocando carícias com

o Mamoré e em eterno namoro com a serra dos Parecis. Cidade onde encontramos gente humilde, simples e pura, comendo tucumã com farinha d'água e bebendo mingau de banana com tapioca; onde encontramos caboclas miscigenadas com o boliviano, cabelos negros, escorridos, olhos meio puxados, cheirando a pitanga e a aromas da mata.

Cidade onde encontramos um tipo característico: o catraieiro, tripulante das catraias e barcos que enchem o porto de um pitoresco impressionista, íntimos com as águas do Mamoré, dando um colorido especial ao barranco do rio. Guajará-Mirim é a cidade onde encontramos o culto da Nossa Senhora do Seringueiro. A veneração por essa Santa de tez morena, cabelos negros e lisos, olhos negros um pouco oblíquos que favorece a colheita no beirado, a pescaria, o sucesso do comércio, colocando amor e bondade no coração do homem. Foi introduzida pelo Bispo dos pobres e meu pai espiritual, D. Xavier Rey. Cidade onde o grego e o libanês deixaram a marca predominante de suas culturas e, o boliviano participa ativamente do seu dia a dia.

Guajará-Mirim honra suas tradições, cultua a memória dos antepassados, dos homens que construíram sua história. Guajará-Mirim não teve pressa em crescer e essa tranquilidade prolonga a vida de seus habitantes, que mantinham, até pouco tempo, hábitos tradicionais. As famílias colocavam cadeiras nas calçadas para contar e ouvir histórias do matintaperera que aparece sob a forma de ave do mesmo nome, só fazendo assombração. Contavam que as velhas bisbilhoteiras à noite transformavam-se em matintaperera; histórias de assombração, de alma do outro mundo; do mapinguari, aquele bicho cabeludo, meio urso, meio gente.

A crendice estava arraigada no espírito simples e puro do povo. As crianças adoravam o mito do curupira, aquele garoto astuto que gosta de montar nos caititus, cachimbo à boca. Ele é o espírito bom e protetor que defende os animais e as plantas. As jovens impressionavam-se com o "encanto" do boto, quando ele se transforma em um belo rapaz, todo vestido de branco e comparece aos bailes em residências situadas à beira do rio, e se mostra um excelente dançarino, conquistando e seduzindo donzelas, sem nunca tirar o chapéu da cabeça. As mulheres atemorizavam-se com os relatos dos ataques dos "papas figos", que roubavam criancinhas para sacrificá-las, tirando-lhes o fígado para comê-lo cru em favor da recuperação da sua saúde. Eram hansenianos.

Acreditava-se nas histórias fantásticas dos pescadores. Vibrava-se de entusiasmo pela descrição das lutas travadas com piraíbas gigantescas e boiúnas

monstruosas. Os rapazes ficavam fascinados com as histórias da mãe d'água, metade mulher, metade peixe, cabelos compridos, cauda de escamas multicores, atraindo com seu canto inebriante, ao seio das águas, jovens que a escutavam.

Não havia preocupação com problemas domésticos, nem se dava importância aos martirizantes preconceitos raciais. Tudo era livre, de simplicidade cativante. Não se dava guarda à maledicência. E logo depois que os cines "Guarani" e "Melhem" terminavam suas sessões noturnas, todos se recolhiam, pois o sistema de vida daquelas pessoas era o de dormir e acordar cedo.

O poeta Bolívar Marcelino saúda com ternura e alegria a:

"Sentinela graciosa da fronteira,
já nasceste co'este cheiro Que beleza,
Guajará-Mirim com cheiro
de moça dengosa, bonita, autêntico
cartão postal! As águas do Mamoré
são assim cantadas pelo poeta:
"Cosmopolita, foste, a vida inteira,
Do Mamoré, a pérola
mais singela, cujas águas
se agitam na procela,
A correrem, velozmente p'ra o
Madeira!" Prossequindo, o
vate fala da cidade
fronteira boliviana, cidade-amiga,
cidade-irmã: "Co'a velha Puerto
Sucre à tua frente,
As catraias deslizando, febrilmente,
Da Madeira-Mamoré: último abrigo"..."
O povo, o meu bom e querido
povo é evocado: "De um povo tão
gentil e hospitaleiro,
És meu sonho mais singelo e
verdadeiro, Que eu trago, no
meu peito, aqui, comigo!"

A viagem até o Brasil

E dito e feito. Cheguei a Belém do Pará e encontrei meu tio lá. **Entrevistador** – Como foi a sua viagem, vô?

Sr. TANOUS – Bom viagem. Eu venho. Como era de menor, nunca tinha saído de casa, não sei falar outra língua, e falava francês alguma coisa. Belém do Pará, meu tio me recebeu, tal e coisa e fiquei lá no hotel com ele até que chega outro navio que vem de Porto Velho pra Belém, porque os navios vêm de Porto Velho para Belém e Belém/Porto Velho. Aí me interou uma passagem, mas não tinha um patrício para me mandar com ele até lá. O único que ele conhecia era o subcomandante do navio, amigo dele: “olha, vou mandar meu sobrinho, não sabe falar idioma, o Sr. vai como... Ele vai ao seu cuidado...”; “não tem problema” [resposta].

Ai peguei, embarquei no navio e fomos embora. Mas no navio eu tive que ir, eu nunca tinha viajado, nunca na

m o Brasil, não sei de nada, tapado. Então ele disse: "tá aqui uma rede, você faça como outros fazem dentro do navio, não dorme dentro do quarto que é muito calor e vê outro como faz e faz igual, porque eu não sei falar...", "tá muito bem" [responde].

Aí me deram lá no navio, me deram um quarto lá e me botaram num quarto de duas camas, dois beliches e botaram um velho barbudo, doente. Carregaram ele e botaram na cama lá até Manaus. Eu fico lá... não botaram uma enfermeira para tomar conta dele, ficou lá. Aí eu entrava lá, botava minhas roupas, deixava minhas coisas e ele falava comigo. Cada vez que ele falava comigo eu respondia com um gesto, fazia pra ele que "não sei falar", não sei falar nada e "falava com gestos". E toda vez que eu entrava ali ele me chateava. Eu não sei o que ele dizia, nada, "não entendo nada", até que o navio tava chegando em Manaus e ele ia desembarcar em Manaus e eu tinha que continuar.

Aí digo esse camarada que me chateou muito, aí falou comigo e eu xinguei ele, no meu idioma, no árabe, ele disse "mas você fala árabe?!" [surpresa], "eu sei também eu sou... como é que chama... sou marroquino! Agora tá falando árabe comigo, no fim da viagem!" Nunca me informei, ele era marroquino...

do Marrocos... Bem, cheguei lá, minha tia e meu tio me escreveram "quando chegar a Manaus, você procura José de tal... Eu peguei, tenho um nome, saí de lá perguntando, perguntando, até me indicarem. E fui visitá-los.

Entre lá eu vi um... cumprimentei ele, "tenho uma carta aqui para conhecer o senhor aqui...", "precisa de alguma coisa?", "não, não preciso de nada, só pra conhecer o Senhor..." [conversa entre eles]. Tava cortando borracha lá... dois homens, um segura de um lado, outro do outro e corta a borracha, para verificar, de primeira, de segunda. Aí de novo pegamos o navio, até Porto Velho, mas de Manaus até Porto Velho já foi comigo o marido da Tia Marin falando árabe até Porto Velho. Chegamos em Porto

V e l h o e f o i l á n a c a s a d e p a r e c e q u e

e primo de minha mãe, Salim de tal.

Entrevistador – Pai da tia Leda (que seria esposa de seu sobrinho Antonio, filho de seu irmão Tufi)?

Sr. TANOUS – Não. O tio dela. O pai da Lena é primo legítimo de minha mãe. O pai, o vovô da Leda, e o vovô da minha mãe são irmãos. É primo legítimo.

Entrevistador - Então o Tio Antônio e a Tia Leda são primos?

Sr. TANOUS – Antônio é meu sobrinho, é irmão de meu irmão, é filho de meu irmão e a Leda filha de primo de minha mãe, primo legítimo.

Então chegamos, o prefeito me deu passagem e chegamos a Abunã... chegamos a Abunã na boca da noite...Viemos de trem. Aí essa minha tia me recebeu, história e tal e coisa. Aí meu tio, naquela época quando chega o trem. Depois de uma meia

hora, todo mundo vai ao Correio para receber carta porque lá vem uma moça assim – o lugar era pequeno – com um saco. Abre tá, tá, tá... batendo lá o carimbo, “Fulano de Tal, Fulano de Tal...”, termina, distribui na hora.

O Correio era assim, naquela época. Aí meu tio trouxe um maço de cartas. Logo que cheguei, não tinha uma hora que tinha chegado; me mostrou: “tu sabe ler isso?”. Digo, “sei... eu sei ler”, aí comecei a ler. Mas lendo francês, eu sei lá o que significa, eu não sei de nada. Estava lendo e ele batia na mesa, aí eu pensei que ele estava zangado comigo, digo “olha tio, eu não sei, eu não sei ler isso aqui, eu não sei o que isso tá dizendo... eu não entendo, não sei falar...”. Ele disse “não, não, eu to entendendo, eu to entendendo, pode continuar”.

Li as cartas em francês, mas ele entendeu. Aí fiquei, fiquei lá... Minha tia disse “não, daqui você não sai até que você aprenda o idioma”. É de menor, não tem papai, não tem mamãe junto. Nasceram perebas nas minhas pernas rapaz, fiquei doente, fiquei dez meses na casa de minha tia até que aprendi idioma.

O contato entre as línguas¹

O segundo momento da história do português brasileiro (PB), no qual se reativou o contato entre as línguas, ocorreu, mais recentemente, com o fenômeno de correntes imigratórias de povos sírios e libaneses, no início do século XX, estabelecendo uma nova etapa da história do contato entre as línguas.

Por não desejarem trabalhar com a agricultura, diferentemente das outras etnias, os imigrantes libaneses dedicaram-se ao comércio de mercadorias, espalhando-se para os grandes centros. Este fato significou potencial importância para o aprendizado da língua, na medida em que implicou uma imersão total dos falantes do árabe com os falantes nativos, ocorrendo um *input* frequente da

língua estrangeira, mais concretamente, do português brasileiro (PB).

A introdução da língua árabe no Brasil e, conseqüentemente, o contato com o português brasileiro fez-se realizar mediante dois momentos históricos distintos. O primeiro remonta o século XVIII, com o contingente de diversos grupos de negros muçulmanos escolarizados, oriundos do norte africano. O segundo deu-se a partir do início do século XIX, quando ocorreu um grande fluxo de correntes imigratórias, para o Brasil. A observação desses eventos conduz à reflexão acerca do modo de presença do árabe no Brasil e de sua relação com o português brasileiro.

No primeiro contato estabelecido entre ambas, o árabe era a língua usada por negros muçulmanos tirados forçadamente de seu país de origem e trazidos para o trabalho escravo, concentrado em certas regiões das terras brasileiras.

No segundo contato, o fluxo imigratório permitiu que adentrassem o Brasil, espontaneamente, centenas de imigrantes sírios e libaneses, que tinham o árabe como a língua oficial em seu país de origem. Esses falantes vieram em busca de oportunidades de trabalho, absolutamente integradas ao nosso sistema produtivo, espalhando-se em direção aos grandes centros. Dessas diferenças, resultaram distintos modos de convívio e, conseqüentemente, distintas maneiras de influência entre ambas.

A ocupação espacial da comunidade libanesa apresenta singular diferença em relação aos demais grupos de imigrantes chegados ao Brasil, como no caso de alemães, japoneses, ucranianos etc., que se estabeleceram, isoladamente, distante de convívio e de inteiração com os falantes nativos, em áreas geográficas denominadas "colônias," abrindo espaços para o desenvolvimento de "ilhas linguísticas."

Por sua vez, os imigrantes libaneses, por terem atividades ligadas ao comércio, chegaram ao Brasil e distribuíram-se pelos diferentes centros, em constante interação com o povo e o idioma da nação acolhedora. Essa distinção tem potencial relevância para entender tanto as condições quanto ao modo como esses falantes adquiriram o português brasileiro.

Salienta-se, por fim, a contribuição deixada pela imigração libanesa, desde o período de entrada no Brasil, em diversas áreas do desenvolvimento nacional, compreendendo não apenas a área socioeconômica, mas, sobretudo, a produção linguística, desenvolvida pelos brilhantes descendentes desses aventureiros.

Intervalo para uma historieta sobre pesca

Entrevistador – Como foi que o senhor pescou?

Sr. TANOUS – Ah? Pesquei? Não pescar? Não, não vou dizer que... Mas essa viagem que eu fiz lá de Belém... para Porto Velho, parava o navio para carregar lenha e havia de tudo. Tanto peixe e eu não sabia dizer que queria linha e anzol pra pescar, porque, acostumado lá no rio... lá no mar sempre na beira do mar pescando.

Me lembrei que minha mãe me deu um carretel de linha, ou agulha [complementa], uns alfinetes pra se... pra se às vezes sai algum botão... e me lembrei. Pus um alfinete, dobrei, trouxe a linha, amarrei a linha, fui lá na cozinha e trouxe... "coisa" de pão... miolo de pão e botava lá e [gesticula como se pescando] o pessoal assim [faz sinal com as mãos representando muitas pessoas], falando o quê? Não sei o que estavam falando, eu tirava peixe. Eles achavam assim bonito com alfinete...

Como era a vida aqui?

Sr. TANOUS – Não. Tinha índio, mas não na cidade. Fora da cidade, aqui no subúrbio. Aqui no subúrbio, na serra. Pra

m na frente da entrada mataram um delegado – era muito meu amigo o delegado – mataram ele lá e botaram uma cruz. Isso matarem em 1960. Estava no Líbano; ele tinha gente pra cortar madeira, vigas, ligamentos e tal. Então ele foi

c
á
d
a
s
er
ra
.
N
a
fr
e
n
te
d
o
n
o
ss
o
sí
ti
o,
n
a
fr
e
n
te
,
b
e

uma vez pra lá pra levar alguma coisa pra eles e ele botava numa armadilha. E quando chegou lá explodiu a armadilha num índio. Ele viu que o índio foi baleado, correu atrás do índio, correu atrás, o segurou pra tratar. Mas quando os índios o carregaram [o índio ferido] fugiram, mas marcaram ele [o delegado]. Foi outra vez lá eles estavam esperando ele. Mataram ele. Eles pensavam que ele que matou o índio, mas não foi ele não, foi a armadilha que explodiu. Ele correu atrás não era para matar não, era pra tratar.

Entrevistador – Quando o Senhor chegou a Guajará-mirim, o Senhor teve a ajuda de alguém?

Sr. TANOUS – Não, ninguém. Ninguém. Trabalhava, tínhamos o capital, os meus tios deixou o capital, nós embolsávamos o capital, nós trabalhar e pagar. E pagar pra quem? Para Coronel Saldanha. Naquela época não tinha banco aqui; o pagamento era pro Coronel Saldanha. Feito como banco, ele recebia. Pagávamos tudo lá, não ficamos devendo nada. Eu paguei minha passagem, que meu tio me pagou do Líbano pra cá. Pagamos uma loja...

Entrevistador – O Tio Tufi fez o que aqui? Só mexeu com loja? **Sr. TANOUS** – Ficou na loja só.

Entrevistador – E o seu irmão José? Tio José?

Sr. TANOUS – Quando chegou aqui ele não sabia nem falar. Abriram a casa onde está. Onde está a Eva agora. Alugava a casa de um grego. Então meus tios disseram a meus irmãos: “olha, nós não temos mais condições trata... ajudam eles aqui, ensinam eles...” Fizemos prateleiras e coisa, fazia pedido, eu mesmo fazia os pedidos. Vencia o pedido eu pagava, mas ele me pagava depois, até que eles criaram um capitalzinho e seguiram. Fui eu que tratei tudo no início, para encaminhar eles, Yussef e o Nagib.

ho?

Sr. TANOUS – Nagib, meu sobrinho. Meu sobrinho e afilhado. Quer dizer, o pai dele chama Elias. Ele esteve aqui, o Elias, mas não demorou muito e ele não abriu comércio; não quis trabalhar no comércio. Mas ele trazia mercadoria com uma ou duas pessoas trazendo a mercadoria, e vinha a pé de Abunã até aqui.

Inserção na sociedade

‘Mascate é o nome dado ao cidadão da cidade de Mascat, localizada no atual sultanato de Oman, na entrada do Golfo Árabe. Os marujos de Mascat iam com seus barcos para a colônia portuguesa na Índia, Goa. Lá os vendedores desciam e carregavam caixas cheias de miudezas e batiam de porta em porta oferecendo seus produtos manufaturados. Daí se derivou, impropriamente, o nome da profissão (ZAIDAN,2001,p.67)’.

A inserção de forma irreversível em todos os patamares da estrutura comercial visava sempre a atrair o consumo popular. A opção pelo comércio, mesmo em se tratando de agricultores, conforme nos relata Truzzi, dá-se por vários motivos, dentre eles: a diversidade da estrutura agrária de origem e daqui e o sistema de pequena propriedade familiar de lá em contraste com a grande lavoura daqui. Deveriam ser colonos pela falta de poder aquisitivo, o que atrasaria seus planos de ganho e retorno. O mais importante foi o sucesso no comércio e o sucesso comercial daqueles que os precederam. Em alguns casos experiências negativas em

lavouras os motivaram a serem comerciantes antes mesmo de tentarem a agricultura. A própria experiência prévia na sua aldeia em algum momento contribuiu para isso, já que os agricultores tinham que comercializar seus produtos.

A mascateação, por sua vez, tem algumas vantagens: o sucesso do mascate dependia unicamente de seu esforço, fato que tornava a profissão ainda mais atrativa. Dispensava qualquer habilidade ou soma significativa de recursos; comportava trabalhadores com pouco domínio da língua, podendo ser algumas

vendas feitas através de gestos; o próprio trabalho treinava-os no idioma e o mais importante: era quase certo que depois de algum tempo conseguiriam acumular o capital pretendido, não tendo limites para seus horizontes.

Dado que a mascateação era serviço temporário, o próximo passo nesta escalada socioeconômica era abrir uma loja a varejo. Foram pioneiros causando uma verdadeira revolução nas práticas comerciais, ao adotarem uma política de vendas a crédito, ao buscarem compensar a redução da margem de lucro por unidade, aumentando a quantidade vendida e ao buscarem uma alta rotatividade no estoque., Ao inaugurarem a promoção de liquidações, ao reinvestirem os lucros no próprio negócio e, finalmente, de um modo geral, ao dedicarem maior atenção às necessidades e condições do consumidor. Por tudo isso, não seria demais afirmar que foram eles que, no Brasil, “inventaram” o comércio popular, dando balizamento a seus parâmetros hoje tão comumente empregados.

Cita ainda a autora que no Brasil desencadeava-se a abolição da escravatura, e as empresas inglesas, dentre outras, precisavam de um poder de compra da população, daí o incentivo à ocupação da mão de obra escrava no campo. Como a imigração árabe ao Brasil não possuía acordos bilaterais entre países, a exemplo de Alemanha, Japão ou Itália, ela se deu de forma voluntária e incentivada pelas companhias de navegação.

Muitos imigravam sem saber para onde vinham, sem saber como era o país, o idioma ou a religião do seu destino. Muitos fugiam, fugiam muitos, afastavam-se voluntariamente; outros buscavam sempre novos ares para de longe poder refletir e quem sabe ajudar a encontrar uma saída para o cada vez mais complexo drama que assolava a Nação Árabe.

Quem sabe bastaria a queda do Império Otomano, e os seus problemas se resolveriam. Era a sonhada libertação. Este sonho se prolongaria e, após a Primeira Guerra Mundial, tem início a segunda fase imigratória. Sem falar que os diversos continentes usufruíram de uma forte e combativa presença árabe, que fazia falta em seu próprio território.

Se no início acontece um predomínio da população cristã, com a convivência da União de Igrejas no mundo, as notícias e resultados aferidos iriam contaminar e estimular a imigração independente de família ou religião, e na segunda fase imigratória, acontece a presença de imigrantes muçulmanos no país.

Embora as primeiras obras sociais dos imigrantes árabes tivessem saliência, foi ainda, conforme Hjjar (2009), a contribuição às

pesquisas, à ciência, à poesia e prosa e, principalmente, à imprensa árabe no Brasil que prevaleceu como uma profícua produção das letras árabes.

Constata-se a existência de mais de 140 jornais e revistas e mais de 300 jornalistas, até o ano de 1949. Pensadores foram contemporâneos à Semana de Arte Moderna de 1922, a Oswald de Andrade, Pagú e Tarsila do Amaral. Em 1945, o imigrante brasileiro árabe está mais integrado, cada vez mais inserido na sociedade, com casamentos com não árabes, em consequência da longa pausa na vinda de novos imigrantes e do distanciamento real. Deixa-se, conforme Hajjar (2009), laços, afetos, idioma, religião, semanários, livros, referências, mas cria-se um novo espaço e tempo, mas não a tradição e a história.

A produção bibliográfica relativa à imigração estrangeira para o Brasil durante o século XIX tem merecido a atenção de diferentes especialistas, resultando em trabalhos de diferentes enfoques. Em se tratando da imigração sírio-libanesa, ao acompanhar a sua trajetória bastante significativa por si só, verifica-se que as distorções e dificuldades decorrentes desta análise potencial das fontes históricas disponíveis, podem ser minimizadas.

Uma aventura na selva e a doença

"E aí quando chegamos aqui e começamos a trabalhar e fizemos aqui amizade, tem muitos amigos que eram patrícios e todos eram solteiros. Então arranjávamos uma viagem aqui para fazer; um piquenique lá. Fomos todo mundo, compramos um carneiro, compramos gelo de Porto Velho que ali não tem bebida e tal e fomos fazer piquenique lá no rio Amazonas. Levamos um cara que sabe fazer churrasco e fizemos lá. E lá começamos a beber e comer e andar na areia quente e se jogar dentro d'água fria. E sair da água fria e andar no quente e tomava um outro.

Quando chegou de noite, cadê? Eu fiquei doente; eu não sei o que aconteceu comigo, me carregaram, me botaram num motor, trouxeram para cá. Aqui não tem médico. Tem médico, mas ele não tratava. Só tem nome de médico, porque é cônsul do Brasil na Bolívia. Mas tinha aqui farmacêuticos. Começou "toma isso, toma outro..." e

a seguinte pegar o motor e subir até cheguei lá e me tratei. Tudo direitinho, assim.

Mas tava uma dor horrível. Eu pensava que ia morrer. Então o médico que me tratou não fala espanhol, mas tem um intérprete. Eu falei pra ele assim: "precisa me tratar; não deixa para o dia seguinte. Eu não aguento mais de dor!" Começou:

"não, amanhã... Tem que estar calminho, mas tem que ficar uma semana aqui pelo menos, não pode erguer antes..."
"Mas uma semana?" Falei "tá bom". Quinze dias seguintes fiquei bonzinho com esse remédio.

Mas tinha lá Sebastião estava lá se tratando, ele disse: "olha, eu vou para Guajará-mirim, você vai comigo?" "Mas como tu vai?" "Nós vamos por terra". "Por terra como?" "De cavalo?" E "como?". Ele disse "não, tem quarenta e dois quilômetros...". Quarenta e dois quilômetros sei lá quanto era... "Então eu vou". "Vamos arranjar cavalos", "pois muito bem, por aí, por acolá". Falei com o médico; o médico disse "você que não pode ir", "não, eu tenho companheiro." "Então toma esse remédio aí... quando se ataca toma esse remédio". Aí pegamos com o ele arranjou um cavalo e um "boicavalo". Ele disse "tenho um cavalo e um "boicavalo". "Boicavalo?", pensei "como é isso?", "Boi? Boicavalo?" "É...", "eu quero ver como é isso, boi cavalo?!" Aí trouxeram um boi. Digo "é esse que vou montar nele daqui para Guarajá-mirim? Precisa quatro ou cinco dias pra chegar, não quero." E foi arranjar outro cavalo.

Pegamos os cavalos e andamos doze quilômetros e chegamos em ... Digo: "E agora? Como é que vamos passar?" Ele: "não se preocupa, a gente solta, aqui o pessoal tá acostumado". Aí tiramos a bagagem lá, cela e tudo, botamos em uma canoa e coisa e os cavalos foram nadando. Mas tinha lá o filho do milionário a do Soares, Rafael Soares. Ele me conhece aqui, do tempo que ele vinha pra cá e conhece muito.

"Vamos almoçar." "Que almoçar o que rapaz, vamos embora porque está tarde, temos que andar mais não sei quantos quilômetros rapaz, trinta e tantos quilômetros, no mato. No mato porque só por terra não clareiras só..." Ai inventei de cortar o cabelo. "Deixa homem, não corta o

c ortar isso aí." Cortou o cabelo e depois é que fomos
a embora. Chegamos no meio do caminho escureceu. Digo:
b "e agora?" Diz ele: "Ainda falta muito e estamos no meio
e do caminho". E chuva e agora?" "Mas, rapaz, e se a gente
l dormir nessas barraquinhas?", porque os trabalhadores
o fazem aquelas taperinhas. "Se a gente dormir aqui a onça
d come a gente e pronto." Aí eu fiquei mais doido... não
e tinha mais o que fazer, nunca andei no mato.

l Aí andamos até que chegamos em Guajará-mirim, aqui
e do outro lado. Lá do outro lado. Fomos lá num amigo
, nosso. Isso era altas horas da noite. "Eu não vou atravessar;
v quer dorme aqui, eu dou... [fala no sentido de dar ajuda
a para que dormissem ali]". "Não dá, é tudo água." "Eu dou
i uma pra vocês", dormimos.

Chegamos aqui, não muito bem, um dia bom, dois ruim, fica bem um dia sim, um dia não, depois meu irmão disse uma coisa: "aqui não temos médicos, você tá doente, é bom... meu tio vai pro Líbano, Youssef, você acompanha, vai lá com ele... vai lá com seus pais". Meus pais estavam vivos naquela época. "Vai se tratar lá...", digo "vou, vou embora". Fui embora.

transcrições

E surge um médico pioneiro e...da terra

Como pensar diferente. Sem recursos assistenciais a sua saúde, onde o atendimento médico de Guajará de antanho, como de resto, de grande parte da Amazônia e dos interiores desse nosso imenso Brasil esteve a cargo de profissionais pioneiros em tudo. Conforme registro de Felipe Azzi publicado recentemente (25/06/2014, Opinião), a região – devido ao isolamento e distanciamento dos grandes centros – era precária em tudo, principalmente em assistência médico-hospitalar.

Na falta de alguns poucos pioneiros, tinha-se que buscar tratamento em “La Banda” (antiga Puerto Sucre), hoje Guayaramerim, na fronteira nação boliviana. Casos mais complicados eram encaminhados para Cachoeira Esperança, cidade também boliviana, onde afamado

médico europeu ali radicado cuidava de devolver a tranquilidade a seus doentes.

Nessas circunstâncias, trabalharam profissionais que a Comunidade Guajaramirense, agregando aos pioneiros, guarda em memória agradecida: Dr. Cláudio de Alencar Fialho; Dr. Jáder Soares Marinho; Dr. Demerval Bastos; o Dr. Duarte, oficial médico militar; além do “Padre Médico”, Dr. Alexander Bendoraitis,

fundador do Hospital Bom Pastor, onde também assistia às necessidades dos indígenas. Seus diagnósticos e tratamentos salvaram muitas vidas.

O primeiro médico nativo veio de tradicional família guajaramirense, os Struthos-Arouca. Dr. Hélio Struthos Arouca, formado nas "alterosas" que, nos folgedos infantis e adolescência sonhadora, era chamado de "Grilo" pelos companheiros. O menino Hélio, então já Dr. Hélio Arouca, teve suas dificuldades no início de seu sacerdócio médico. Sua clientela sempre o vira de calças curtas, saltando muros, tentando alcançar goiabas em galhos mais altos. Era difícil, tecnicamente, encará-lo como Doutor em Medicina.

Apesar dos diagnósticos e dos tratamentos bastante eficazes, o pagamento da consulta, o retorno pecuniário esperado, muitas vezes ficava no "muito obrigado!", no "Deus lhe pague!", ou no sorriso sem jeito das pessoas humildes que o consultavam. Não era incomum, nem surpresa para ninguém, a dispensa da pecúnia pelo Doutor Menino, que nutria muito respeito e bem querer por seus conterrâneos.

Cabe aqui esta pequena história narrada por AZZI: "...certo médico, ainda com o cheiro do formol dos experimentos de faculdade, que se instalou em pequena cidade de interior, iniciando o seu medicinal mister. A placa na porta do consultório era sugestiva: "DR.

MARCIONILO GRUVINHATO PALERMO – MÉDICO E DELIVRANCISTA". Num dos seus primeiros atendimentos, o consulente assim comentou para alguém que perguntara sobre o resultado da consulta.

– Muito competente o doutorzinho novato... eu estava com uma afronta que nascia do gragumilho, descia pelos estomos, fazendo

um reboção nas partes baixas da pança...
Ele me curou com uma tal de MAGRÉSIA
BESOURADA... Que foi tiro e queda!
Noutra ocasião, consumada com sucesso a
délivrance de uma gravidez de risco, a
parturiente soprou no ouvido da Comadre
que a assistia na cabeceira do leito:
– Esse douto novato é supimpa, Comadre!...
Só de encostá no meu bucho aquele
aparelhim redondinho ligado às orelhas
dele, resolveu o meu caso. Logo-Logo
joguei no mundo Gervazinho, seu afilhado.

Não sei quantos partos bem sucedidos o Dr. Hélio
Arouca fez em nossa Guajará. Acho que até mesmo ele não
sabe tantos que foram. Mas muita gente serelepe, hoje
caminhante em Guajará e alhures, chegou e foi
apresentada a

este mundo pelas mãos do Doutor Menino, natural da Pérola do Mamoré.

Para que possa dar credibilidade e ser testemunha ocular das façanhas do Dr. Hélio, vivenciei, eu próprio, então acadêmico de medicina nestas plagas distantes, ainda em 1969, quando estagiei com ele por um mês no Hospital da cidade, um parto pélvico efetuado com suprema destreza não sem antes causar-lhe também suprema aflição, como esta condição é capaz de proporcionar e que, nos dias atuais, é indicativo de cirurgia. Ali ele me deu uma demonstração inequívoca de sua capacidade técnica e seu sentimento humano. Esta é mais uma das suas crias que devem estar andando pelas ruas de Guajará.

Conforme uma contabilidade apressada de Paulo Saldanha: "Não fiz as contas, mas creio que, com o devotado sacerdócio, como exerce, de forma idealista e altruísta, a sua missão desenhada por Deus, o médico Hélio Arouca, é possível que mais de 4000 crianças, por suas mãos, vieram ao mundo, para, depois, já adultas, reciclando a vida, passassem a contribuir para sua melhora e evolução".

Também Paulo Cordeiro Saldanha em seu artigo de 08/12/2010, "O Sol na vida de um Hélio", ratifica esta sua obstinação, ofertando extremado amor ao próximo, energia e tanta luz, tendo um currículo impecável e uma fecunda dedicação ao exercício da medicina, no palco regional de nossa vida. É pessoa importante na nossa existência. Que coincidência, na data que nos referimos a Dr. Hélio Strouthos Arouca, a cidade festejou como culto 52 anos após formado o exercício do seu sacerdócio: cuidar da saúde de seus semelhantes. Trata-se do primeiro homem aqui nascido a adotar aquela ciência como exercício profissional.

A vida do Hélio Arouca é abençoada desde o berço, uma vez que, sendo filho do comerciante e seringalista Alkindar Brasil de Arouca, - poeta e bem humorado arquiteto de paródias, que tripudiava com suas críticas um tema acontecido - e da senhora Árthemis Struthos Arouca, recolheu por transferência genética as virtudes que o consagram vitorioso na profissão e na vida. O poeta Alkindar Arouca, homem inteligente e sábio, iniciou-o nas sendas da literatura e da poesia.

Já a medicina não levou seu filho Hélio para outro lugar, ficando-o em solo nativo, na terra que lhe serviu como berço, onde buscou aplicá-la em prol dos seus concidadãos, notadamente em benefício daqueles seus irmãos menos afortunados, a quem minorava as dores e o sofrimento, com sacrossanta e abnegada generosidade. Dignifica-se a sua independência em relação aos poderosos, a sua liberdade como agente de transformações e a espontânea sinceridade com que defendia as suas convicções. Por isso o amamos, por isso o

admiramos, por isso o respeitamos!

Finalizando, Paulo Saldanha o enaltece como "homem plugado no futuro. Por isso é uma das nossas referências, razão de nos irmarmos e prestarmos esta homenagem num sentimento de pleno orgulho, admiração e amizade fraternal. E conclui: Eu sei, Guajará-Mirim lhe deve tanto... Só falta reconhecer! ".

Numa rápida abstração, provavelmente, poderíamos dizer que, se já contássemos com os préstimos do Dr. Helio Stroutos Arouca, não haveria necessidade de Tanous retornar a sua terra, pelo menos por este motivo.

Oportuno referir o que, em uma de suas últimas crônicas, meu colega de turma, Dr. José Camargo, um médico gaúcho pioneiro do transplante pulmonar, nos tem a dizer: "nunca aceitei que, sabendo mais que nossos antecessores, e disso ninguém duvida, tivessem que ouvir, indiferentes ou constrangidos, aos pacientes mais idosos falar, com nostalgia, dos médicos de antigamente. E acrescente que devia, pelo menos dentro do seu limite de competência, tentar porque isso aconteceu. Na falta de recursos então indisponíveis, exigia dos médicos uma atitude mais parceira e solidária, bem como os faziam exímios ouvintes e imbatíveis consoladores."

Custa-nos acreditar que esses atributos foram pretensamente substituídos por máquinas prodigiosas, quando o médico passou a ignorar a força da palavra e a magia do abraço. Como ele, acompanhando jovens estudantes de medicina na sua formação, insistimos que, entre dois médicos igualmente qualificados, sempre prevalecerá o mais afetivo.

A chegada ao Líbano

"Mil novecentos e trinta e trinta e dois... trinta e um, por **aí, não me lembro mais**, chegamos no Líbano. Vi de longe meu pai assim com medo de que tivesse tuberculoso, alguma doença, ah, vai morrer. Final de contas minha tia, minha vó, arranjaram uma erva e tomei. Mas eu fui em vários médicos mas não deu jeito, mas uma erva fiquei bom. Fiquei bom só com cinco xícaras de chá, até agora fiquei bom...

Aí depois então meu pai disse: "O que você quer fazer?". Eu disse: "Não sei. Tenho que trabalhar e quero estudar." Ele disse: não, "estudar não, porque o dinheiro que você trouxe dá pra estudar, e depois? Com o que você vai trabalhar?" "Então eu quero trabalhar". "Trabalhar no quê?" "Em cereais", eu nunca tinha trabalhado em cereais...

Ele disse: "eu vou botar uma pessoa de idade contigo, você vai viajar pra comprar cereais; eu não conheço essa gente. É bom levar uma pessoa de idade contigo". "Tá bem." Era parente de Elias Salomão.

F
oi
c
o
m
ig
o,
c
o
m
p
ra
m
o
s
c
e
r
e
ai
s,
tr
o
u
x
e
m
o
s
e
c
o
m

çamos a vender. Fomos vender assim, atacado, nada pouquinho, atacado, os sacos... Mas deu prejuízo, porque os cereais, quando a gente compra na fonte, ele perde quatro, cinco por cento, porque ele seca, diminui o peso: eu comprava cem quilos, quando ia pra

vender dava noventa e cinco, noventa e quatro, noventa e seis, sempre perde.

Então eu disse: "sabe de uma coisa, eu não quero mais." Acabei a sociedade, acabei de vender, abri a loja na cidade. Mas meu pai tinha um resto de coisa pra vender, meu pai tinha uma loja lá perto de casa, num bairro, não era muito grande. Me arranjei lá, abri lá e comecei a vender. Comecei a vender e o pessoal "é bom trazer mais coisas." "Sim, não, mais coisas..." [concordando] Comecei a trazer mais coisas e o pessoal comprava.

Depois pensei: "sabe de uma coisa, aqui tem tudo, mas está precisando de um açougue". A gente ia pra cidade pra comprar. "Vou aprender como é que se corta... como se mata um veado, um bicho, eu não sei." Fui lá com um amigo meu lá assistir como que mata lá um animal, como que faz, aí comecei a comprar... comprar carneiros, boizinhos assim e matava e vendia.

Aí foi uma maravilha, mas o pessoal disse: "tá tudo muito bem... mas falta barbeiro." Digo: "agora, sem o barbeiro tem que ir na cidade pra cortar cabelo rapaz...", "é e tendo aqui..." Digo: "espera aí...", comprei uma máquina, tesoura, pente e coisa... E os meninos lá cortavam o cabelo comigo. Cortava o cabelo dos meninos. Cortei o cabelo e aprendi. Aí comecei a cortar cabelo. Comerciante, barbeiro, vendendo mercadoria, ficou uma maravilha.

Em mil novecentos e trinta... trinta e seis, o Tufi foi lá ele disse: "rapaz, aqui no Brasil, uma maravilha, a loja aqui perto do mar assim, agricultores todos seus amigos, vizinhos, um lugar muito bom; você não pensa nunca em ir para o Brasil? Aqui é muito bom." De fato era muito bom. Mas o olho grande lá na vizinhança...

[AQUI ELE FALA DO QUE ELE ESTAVA FAZENDO AINDA NO LÍBANO]. Abriu uma lojinha na casa dele pra vender pra

família dele, pra amigos e abriu umas sete, já não prestou mais... Não prestou mais então passei a loja para o meu irmão pra vender o resto lá e arrumei minha bagagem e coisa e vim para o Brasil.”

A volta também para....casar

Conforme Gattaz (2012), o retorno ao Líbano para a escolha de uma noiva marcou as duas primeiras fases da imigração libanesa, quando a quantidade de mulheres imigrantes era muito baixa em relação a de homens e ainda não havia muitas descendentes disponíveis na colônia.

Ao longo das quatro fases da imigração libanesa, o padrão predominante para as mulheres e crianças foi o acompanhamento dos pais, maridos ou irmãos mais velhos, não havendo, até a década de 1980, registro de mulheres que tenham vindo de forma independente.

Quando Tanous decide retornar ao Líbano, o faz por um motivo que ele próprio relata:

....não muito bem, um dia bom, dois ruim,
fica bem um dia sim, um dia não, depois
meu irmão disse uma coisa: "aqui não
temos médicos, você tá doente, é bom. Meu

tio, vai pro Líbano, Youssef, você
acompanha, vai lá com ele. Vai lá com seus
pais". Meus pais estavam vivos naquela
época... "vai se tratar lá." Digo "vou, vou
embora". Fui embora.

No caso do projeto migratório era absolutamente comum que o marido viesse sozinho num primeiro momento, preparando o terreno para a imigração da esposa e filhos. A decisão de Tanous foge à maioria das tomadas por quem pensa em retornar a sua terra, onde retomou sua atividade de comércio, mas também encontrou uma esposa que o acompanharia pelo resto da vida: Toufia Tanous Bouchabki.

Antes de dedicar um tempo à literatura buscamos nela o significado da mulher eleita no conjunto de fatores que influenciam essa escolha. Segundo Vilela (2011), na tradicional cultura dos imigrantes sírios e libaneses daquela época, o casamento visava a aumentar a coesão familiar e, em um sentido mais amplo, a coesão do grupo.

O poder e a influência da unidade familiar são sustentados por uma prática institucional: o casamento arranjado, em que a escolha dos cônjuges não resulta de escolhas individuais, mas sim de interesses familiares. Esta justificativa permite compreendermos a razão pela qual acontece a maioria destes retornos à terra natal. Ainda hoje, a volta aos locais de origem tem o intuito de buscar jovens da mesma religião, costumes e tradições. Isso é especialmente frequente no caso das filhas, todavia, contradizendo muitas destas colocações, é relevante frisar que Tanous assim procedeu por vontade própria.

Interessante a abordagem feita por Truzzi (1997) para quem, "apesar da desproporção entre os sexos dos imigrantes ser muito expressiva, em comparação a outras etnias, cerca da metade dos sírios e dos libaneses casaram-se dentro do próprio grupo. Em 1927, um relatório sobre esses grupos corrobora tal argumento, ao mostrar que eles realizaram casamento dentro de suas colônias em 50,5% das vezes", mais baixo do que o de italianos, espanhóis e

portugueses, reforçando uma forte preferência pela endogamia.

Outro dado de interesse informa que as divergências na propensão ao casamento endogâmico não se referem apenas ao fator gênero, mas também ao religioso, e verifica-se que os muçulmanos e os cristãos ortodoxos têm maiores chances de se casarem dentro dos próprios grupos do que membros de religiões como maronitas e melquitas.

O casamento, nestas situações, mostrou-se altamente salutar como instrumento mantenedor da coesão social, definidor da inserção e da ascensão social desses imigrantes, principalmente quando passaram da expectativa de uma imigração de curto prazo para uma fixação no Brasil por um período mais longo.



Conforme relata Maria Tereza Merino Chamma, em seu livro Guajará-Mirim – A Pérola do Mamoré (2012), em 04 de outubro de 1937, Tanous retorna ao Brasil acompanhado de sua esposa Toufia Tanous Bouchabki e de dois filhos menores, William e Violeta, nascidos no Líbano. Seguindo o que já colocado em outro espaço desta obra, após alguns anos já estabelecidos, abriram um comércio de ferragens, e Dona Toufia passou a ser somente do lar, tendo mais dois filhos nascidos no Brasil, Floriza e Toufic.

Segundo descreve Tereza Chamma, Dona Toufia possuía um temperamento forte, o que fazia com que não recuasse antes as dificuldades. Foi realmente uma grande mulher, justa e nobre, que tudo fazia pelo próximo, nada desejando só para si, o que concorreu sempre para que sua imagem fosse querida e respeitada pelos seus familiares e amigos.

Em sua descrição ainda se inclui uma homenagem por sua contribuição à cidade que a acolheu e ajudou a crescer, dando nome a uma instituição de ensino referência na cidade.

Vale à pena recordar que, dentre os motivos pelos quais se deu esta imigração, estava: a requisição de mão de obra especializada para suprir as necessidades da industrialização e urbanização iniciadas nos anos 1930; uma política imigratória liberal do país acompanhada por uma política ampla de concessão de nacionalidade; a possibilidade dos imigrantes obterem ascensão econômica devido à crescente urbanização e desenvolvimento do país (no caso dos libaneses, através do ciclo mascate lojista industrial) e a liberdade de culto e multiplicidade étnica.

Talvez eles justifiquem por que o Brasil, tendo em geral recebido número bem menor de imigrantes do que os

Estados Unidos, Canadá e Argentina, apresenta a maior população imigrante libanesa no mundo. A segunda fase da imigração, sob o ponto de vista do Brasil como país receptor, caracteriza-se pela atração criada pelo desenvolvimento industrial e urbano, e não mais pela necessidade de mão de obra para a atividade agrícola.

Na Constituição de 1934, portanto, implantou-se o regime de cotas de imigração, privilegiando os grupos que já se encontravam em maior número no Brasil, como portugueses, italianos, espanhóis e alemães. Apesar de não se proibir expressamente a entrada de asiáticos ou africanos, leis complementares dificultavam tais imigrantes obterem vistos para o Brasil.

Os imigrantes libaneses e sírios, mesmo sem encaixar no ideal propugnado pelos formuladores de políticas imigratórias, que visavam **ao** branqueamento da

população brasileira, encontraram as portas abertas para a sua entrada no país, pois tampouco representavam os grupos mais **ameaçadores** para as políticas de branqueamento, como negros e leste-asiáticos, o que determinou o caráter independente do imigrante libanês e sua inserção social marcadamente urbana e baseada na atividade **terciária**.

Outros fatores que colaboraram para a aceitação dos imigrantes libaneses na sociedade brasileira foram a sua extrema dispersão por cidades de todo o país e a opção dos primeiros imigrantes pela atividade de mascate e de pequeno comerciante que exigia um contato diário e íntimo com as pessoas das mais diversas categorias sociais, o que fez com que a população local rapidamente tomasse contato com estes estrangeiros de fala gutural e perdesse o preconceito, o que seria mais difícil caso o grupo tivesse se mantido compactado em poucos locais e em atividades de menor contato com a população.

O papel feminino no processo imigratório

Da história da imigração libanesa ao Brasil a imagem que fica é a do desbravador e herói, exaltado pelas atitudes de coragem e destemor, e seu deslocamento comparado a verdadeiras epopeias e sagas. Mas, conforme, Sayad:

“... existe imigração, mesmo autodenominada de trabalho e exclusivamente de trabalho, que não se transforme em imigração familiar uma imigração de adultos; de homens em sua maioria”.

Na transformação de uma imigração provisória para uma imigração definitiva e pela necessidade da formação familiar no país de destino, as mulheres árabes inseriram-se ao processo imigratório libanês no Brasil via necessidade masculina. Muitas vinham sem saber o motivo e nem imaginavam o que era esse Brasil de que falavam tanto...

Mas engana-se quem imaginava que teriam papel secundário, pois, conforme Osman, esteve ligada a fatores fundamentais do ponto de vista da formação familiar, da preservação das tradições culturais, como língua, religião e costumes ao longo das gerações, mediando conflitos, mantendo os projetos familiares, defrontando-se com as dificuldades da manutenção de uma estrutura cultural diferente do país de imigração, além de se associarem às questões referentes ao estudo e ao trabalho.

Algumas citações retiradas de Osman merecem atenção:

“ Eu era a única mulher da casa, por isso todo o serviço sobrava para mim. Os homens saíam para trabalhar na rua o dia inteiro, mascateando, enquanto eu cozinhando. (Sara Toufic Abou Jokh, Rede I- 1ª Geração)”

“ A vida do meu marido foi só de trabalho para poder dar de melhor para os filhos. Já a minha foi a de uma dona-de-casa que vive para cuidar dos filhos e do marido. Nunca trabalhei fora ou ajudei meu marido em seu trabalho, ainda mais tendo que cuidar de cinco filhos... (Chafica Aboumekana Mouiakel, Rede II- 1ª Geração)”

Há relatos de que a contribuição da mulher imigrante transcendeu o espaço da casa, mas sempre priorizando o papel dos maridos como provedores das condições materiais para a manutenção da família. Essas mulheres tiveram participação ativa e direta na garantia do sustento familiar, trabalhando concretamente com eles ou exercendo atividades que complementassem o orçamento doméstico, dedicando-se aos negócios sem que a sua função principal de donas-de-casa fosse relevada.

“Enquanto o meu marido mascateava, eu cuidava da loja. Eu era tão boa negociante! Todos me elogiavam... O Mustapha, um amigo nosso, sempre falava isso para o meu marido: “A Rachide é uma vendedora de primeira”... Mas não era moleza não, viu? Durante a semana eu cuidava da loja e aos domingos eu saía para a rua com o meu marido, para fazer cobrança (Sara Toufic Abou Jokh, Rede I- 1ª Geração)”.

Este apoio da esposa à atividade do marido permite a primeira ascensão econômica, da condição de mascate

para a de proprietário de loja, marcando a atuação da mulher além do espaço doméstico.

A questão da participação no trabalho é uma das possibilidades de abordagem que visa a superar a visão estereotipada em relação ao grupo das mulheres árabes na imigração, cuja análise foi a proposta desta comunicação. Um aspecto muito relevante e que multiplica todas as abordagens descritas é que a literatura apresenta relatos efetuados em centros maiores, como de São Paulo, por exemplo. Daí, justiça se faça, quão significativa foi a participação feminina nas desconhecidas selvas amazônicas do início do século dezenove a uma Guajará-Mirim de poucas casas, com tudo por fazer. Inimaginável se olharmos para o que é hoje e o quanto de coragem, desafio e obstinação revestiam-se as consciências deste universo de homens e mulheres pioneiros.

Ainda conforme nos conta Osman (2012), este não é só mais um capítulo sobre a imigração árabe para o Brasil, é a história oral de vida de homens e, sobretudo, de mulheres que escolheram o Brasil como um novo lar deixando para trás **al bled** -a terra natal. Essa comunidade enfrentou os desafios de inserção à nova sociedade ao mesmo tempo em que esteve preocupada com a preservação das tradições culturais como língua, religião e costumes nas gerações.

Se o papel dos homens foi fundamental nesta jornada, ao darem início ao processo e se responsabilizarem pela vinda de mães, irmãs, esposas e filhas, não há como desconsiderar o papel da mulher árabe. Além do espaço doméstico, ocuparam o espaço do trabalho, opinaram, decidiram, influenciaram, traçaram projetos, reelaboraram trajetórias, reorganizaram o papel da família, de uma forma sutil e eficiente, como verdadeiras Sherazades do mundo moderno.

Aqui fique registrada esta ma pequena homenagem às companheiras e também heroínas destas jornadas inesquecíveis.

A segunda vinda ao Brasil

Cheguei aqui no Brasil... cheguei em Belém do Pará estava meu irmão lá. Meu irmão (Tufi) disse: "ah, muito bem. No que você vai trabalhar aqui?" "Vou trabalhar malas. "Que mala coisa nenhuma, que mala, rapaz..." Quem disse isso? O Tufi, meu irmão, do Abdon. Ele achou ruim fazer mala. Digo: "me leva lá onde faz a mala, algum fabricante..." Ele disse: "tem um, até um patrício. Ele é meu amigo porque compro mala dele pra encher de mercadoria e vender em Guajará-mirim e vender a mala". Digo: "me mostra, me leva lá que eu quero aprender." "Vai aprender em uma hora, em meia hora aprende".

Chegamos lá, "bom dia, patrício. Olha, estou chegando do Líbano." "E como foi? O que você precisa?" Então o meu irmão disse: "olha, fica aqui conversando com ele, vou tomar um café aqui na esquina, eu volto logo." Depois "sabe o quê? Eu vim aqui porque eu trouxe umas malas da viagem e quebrou uma madeirinha lá... uma madeira na maleta e um pedacinho de tábua lá. Ele disse "traz aqui, eu

Ele disse “entra, pode entrar aqui...” e eu queria isso.

Logo na entrada vi um camarada que estava armando a mala. Olhei, espiei bem e tal. Mais adiante um cara estava forrando a mala... pintando a mala [corrige-se], coberta de pano, estava pintando à mão. Muito bem. Mais adiante tava um que

tava forrando. Em menos de meia hora aprendi tudo. Aí chegou meu irmão (quer saber como faz a tinta"). O homem tava pintando com a mão, não com pincel. Ai falei "olha aqui patrício, a gente leva a mala daqui aí chega lá arranhada, como é que a gente faz a tinta?" Ele disse: "olha, faz com goma... goma de mandioca. Bota a tinta que você quiser na água e bota no fogo e derrete a mandioca; quando a água vai fervendo, vai dosando a mandioca e vai mexendo, vai mexendo; quando estiver mais ou menos como tinta, meio durozinho, aí tira do fogo". Eu fiz isso. "Você faz a cor que você quiser".

Aí comecei a fazer mala. E toma malas, toma malas e não dava conta do recado [no sentido de muitos pedidos]. Eu pensava: "olha, Yussef, eu quero fazer malas." "Que malas, rapaz. Eu quero fazer malas, pelo amor de Deus..." E ele disse: "então faz lá o pedido". "Eu sei lá fazer pedido?" "Onde compra mala?" "Nós compramos mala de Pernambuco de um Senhor que chama Divo Calixto, um patrício." Divo Calixto, um árabe. E "então vamos fazer pedido.

Pede pra ele que ele manda material pra mala... pra quarenta malas... material." Eu não sabia dizer o quê, cantoneiras, isso e aquilo, não sabia, eu não conheço. Aí mandou; chegou o material. Digo "e agora?"... Peguei a mala que trouxe lá do Líbano, abri ela todinha, nova, abri todinha, todinha. Comecei a medir de um lado, medir no outro, medir no outro, medir no outro [referindo aos lados sendo medidos], fumando um cigarro, pensando direito assim, uma fibra assim... botei a fibra lá, cortei, tá arrei, bonitinho. Coloquei dobradiça, fechava, não fechava direito, fechava tortinha... fica assim... "Não tá certo... não tá certo..." Então fui descobrir, no final dela, eles eram a

cinco ou seis centímetros, coloquei uns quinze centímetros pra cá não deu; coloquei mais pra cá, mais pra cá. Fica uns cinco centímetros, ficou muito bom. Então, uma maleta. E comecei a fazer maletas. E fiz o pedido lá da fábrica, de fibras. E comecei a fazer maleta. E quem trabalhava muito bem com maleta, o Salomão Badra... Salomão também trabalhava comigo, ele trabalhava até fora de hora, só larga o trabalho quando se faz cem maletas por mês; enquanto não dá cem, trabalhava até fora de hora.

E chega a vez do sabão...

Depois, diminuiu um pouquinho a venda porque então comecei a fabricar. Faltou sabão por causa da Guerra, 2ª Guerra Mundial, e os navios que vinham da Europa e de outros países não vinham mais por causa de um bombardeio de um submarino e faltou soda cáustica e não vinha mais soda cáustica pra Belém do Pará, porque comprávamos do Belém do Pará. Mas por aqui tinha soda cáustica, aqui [e] em Porto Velho.

Comei a fazer em lata de querosene... em lata de querosene [repete]. O pessoal soube aqui e de manhã pessoal na feira "que foi?" "Sabão". "Não tem pra vender". "Pelo amor de Deus, me vende meia barra pelo menos". Tá muito bem. Daí trouxe um barril, cortei um barril pela metade. Eu com um pessoal fazendo o meio barril de sabão e cortava a mão assim e não dava... não dava... Gente como o diabo [no sentido que não dava vencimento da demanda]. Aí botei, dois barris. E o sebo aqui vinha de um matadouro, tinha sebo lá, toneladas, porque saía o

o cara lá disse pra nós "a vontade, pode usar a vontade, tem sebo como o diabo".

E comecei a fazer com sebo, e comecei a fabricar. Porque depois acabou o material, a soda cáustica não tem [não tinha mais], fui a Porto Velho comprei todo o comércio; não tem mais, fui a Belém do Pará. Comprei soda cáustica, mas

já comprei outro material para fazer sabão bom, porque o sabão que fazia aqui, de sebo, fede e, se ficar aberto assim, ele encolhe, seca. Uma vara desse tamanho [está demonstrando com as mãos] fica fininha que nem... joga fora.

Então fui a Belém do Pará e comprei óleos. Óleo de babaçu, óleo de andiroba. Comprei tudo o necessário, porque fui comprar das firmas que vendem isso e aquilo e me ensinaram. Mas antes de comprar, eu fui lá e o Buchara estava em Belém do Pará. Ele me cumprimentou e perguntou: "você não quer dar um passeio ali, eu vou na fábrica de sabão." "Eu quero ir pra fábrica de sabão mesmo..." Digo: "vou sim..." Chegamos lá na fábrica e veio um patrício, chama Salim. Aí, a pagar, mandou, não mandou, aquele negócio de comércio, o dono da fábrica disse: "Seu, manda entrar aí o pessoal que vão fabricar agora sabão." "Eu queria uma palavra disso..."

Aí entrei num lugar da fábrica e perguntei: "Quem é o chefe de vocês de vocês aí?" "Um camarada disse: "escuta aqui, o seu chefe quer falar contigo, de noite, no hotel..." Dei o nome do hotel, "...no quarto número 'tal'." Vai lá rapaz, pertinho... Tá, chegou lá, contei pra ele que eu vim lá de Guajará-mirim, fronteira com Bolívia, lá deve ter muito sebo lá pra fazer sabão. E eles ficaram assim...

Disse: "meu filho, eu não vou fazer concorrência pra vocês, vou fazer lá e aproveitar esse negócio do sabão e vou dar uma gorjeta pra você." Até que ele me disse: "Coloca soda cáustica, soda barrilla, depois coloca óleo de andiroba." Mas não me disse: "bota tanto... bota tanto, bota fogo e tal..." Não disse como era. Cheguei aqui, botei tudo, taquei fogo, não deu nada. Não prestou; prestava um, dez não prestavam.

E i dele era muito meu amigo e soube que sabia fazer sabão. n Eu mandei chamar ele em Porto Velho. Chegou de lá, ele t ficou uma semana lá e fizemos umas duas ou três vezes ã sabão; ficou uma maravilha. Dei uma gorjeta pra ele, fomos o lá em casa, muito bem, foi embora. Aí comecei a fazer , sabão; comecei a fabricar sabão... Sabão uma maravilha m [ênfatiza], sabão pra chão, cheiroso, dava vontade de e morder, de comer.

Mas o comércio aqui não ajudou. Eu levei amostras para s todos comerciantes que trabalham com sabão. Eles e compravam sabão antigamente de Belém do Pará; n compravam 50 caixas, 100, 150, 200, 300, conforme o t comerciante. Mas compravam com documentos. Porque e chega a mercadoria de navio e botam num armazém e só i pode retirar se mostrar o documento pago; se o c documento está pago, então eles liberam o sabão. o m

Disse: "olha, vocês compravam assim, mas eu faço o seguinte: eu vendo aqui pra vocês pelo preço de Belém do Pará e dou prazo, três meses, e entrego aqui sem frete, sem nada..." E dei amostra pra eles, de tudo bem mostrado pra eles e aí comecei a trabalhar. Estoque enorme, sabão como o diabo. E chegam aqui "manda duas caixas". "Poxa, duas caixas. Você compra duas caixas de Belém?" "Não, eu compro cinquenta..." "Mas porque não compra cinquenta agora?" "Não, porque o freguês está esperando aqui, não pode esperar..." "Tá muito bem, está aqui..."

Chega outro "me manda três caixas...", "mas..." "Não, não, porque tá..." não sei o quê... Isso era uma coisa, mais medíocre... Chega o freguês aqui: "tem sabão?", "Tem." "Que sabão bonito rapaz, me vende, me dá dez. Bonito, barato." "É fabricação minha". "Áh não quero mais." "Meu senhor...", "Não, não...obrigado..."

Resultado, arrumei tudo, fechei a fábrica, tinha duas firmas em Porto Velho, vendi pra eles um vagão de trem cheio... um vagão de trem cheio [repete] de material de sabão pra acabar com tudo. Ninguém mais ajudava, não compravam... E vendi pra lá. E sobrou ainda dois ou três tambores, cada tambor com 320 quilos de soda cáustica, não deu pra entrar no trem, ficou aí.

transcrições

A voz da experiência

Depois chegou o juiz de direito – ele já faleceu – e contaram pra ele e esse juiz criou amizade comigo. Ia no fórum, “onde está, onde é a casa de Tufi...” o seu tio Tufi... era fórum. Toda vez que ele passava lá ele entrava e sentava um pouquinho. Ia pra casa comigo, ele entrava, virou meu amigo. E um dia disseram que iam fazer uma reunião aí e ele “o Senhor não vai faltar a essa reunião”. “Tá bem, doutor, tá...” Cada vez dizia “ó, não vai faltar à reunião, vou fazer uma reunião aqui, o Senhor não...”; “Então me diga uma coisa: que reunião tá fazendo que se eu faltar vou fazer falta?” Ai me contou: “já vi que o Senhor fazia sabão aqui muito bom, o comércio não cooperou com o Senhor, mas eu vou fazer aqui uma lei, tem que comprar sabão daqui, preço por preço; se a qualidade não presta, tá bem, mas é daqui e melhor do que vem de fora, tem que comprar daqui. Digo “sabe de uma coisa? É bom o Senhor fazer sabão, eu não quero, eu não quero mais

fa
z
e
r
s
a
b
ã
o.
.."
,"
n
ã
o!
E
u
s
ei
q
u
e.
.."
;
"
n
ã
o;
v
o
c

ê faz aí... o Senhor faz sabão por sua conta, eu não quero mais."

Depois chegou Armando Elage disse "Seu Tanous, o Senhor tem muita experiência na vida, o Senhor é muito ativo aqui, eu quero fazer fábrica de álcool..." Álcool... álcool... Eu digo: Seu Elage você tem plantação de cana?" "Não, pra quê?"... "Então como vai fazer fábrica de álcool se não tem cana?" "O

pueblo aqui... prometeram plantar cana." Eu digo: "não, não faça isso não, não faça isso não [ênfatisa]... no início eles dizem assim, mas quando se está no auge chega... você pede 'áh eu queria uma carga, duas cargas de cana'; 'eu não tem quem corte, se o Senhor tem gente, manda cortar'."

Chegou, a mesma coisa... "Não porque tem que comprar e eu não tenho...", "mas tem que ser assim, depois que você está estabelecido, aí começa a sacrificar, mas se você tem plantaçaõ sua, particular, deixa ele de lado, corta a sua e aí sim eles já cortam e entregam pro Senhor, limpinho e direitinho..." Ele disse: "o Senhor tem razão. Quero fazer fábrica de sabão... [muda de ideia]". "Rapaz, sabão eu abri antes de você sabão e não deu certo." "Não, porque eu trago o não sei o quê técnico e yo tengo plata...", sempre dizia que "tem plata", tem dinheiro...

"Então tá bom"... Mandou comprar... comprou um tacho e construiu – tá lá até agora na casa – construiu um lugar especial pra ele, pra fábrica de sabão... Um tacho, mais ou menos[d'água, a boca dele mais ou menos uns três metros e altura essa aqui [demonstra]. "É nisso que vai fazer sabão? Isso é pra fazer melado, pra fazer caldo de cana. Para rapaz, pro outro tem que ser dois metros de fundura, porque ele flutua assim; isso não presta, não adianta fazer isso. Isso pra fazer sabão? Não, de jeito nenhum..."

Mandou trazer de fora, chegou aqui quebraram, logo que chegou quebraram. "Ô Armando, você não tem nada que ver com essa merda." Ele trabalha com têxtil. "E agora?" Digo: "eu vou ensinar!" Ensinei ele como devia fazer, instalou direitinho, endireitou lá com barro. E mandou comprar o material de sabão. E quando comprou o material de sabão, tava preparando, viajei para o Líbano, 1960... Viajei para o Líbano.

naugurou uma fábrica de sabão e convidou e contratou gente graúda aqui... abriram champanha, cerveja, fizeram uma festa. Então tá bom... Eu cheguei, peguei um... naquela época eu tinha uma coceira na minha perna, não sarava. Fui para o Líbano, voltei a mesma coisa.

Eu estava deitado aqui em casa quando chegou ele. Mandou duas barras de sabão, amostra. "Da nossa fábrica." "É esta sua fábrica? Do Armando? Está estragado o sabão..."; [explica revelando o sotaque espanhol – de ambos - para a conversa] "Não, taí, você abriu a caixa toda, a forma." "Não abri, não tive tempo, sacou por cima, por arriba e fui buscar a família dele... meu Senhor, está errado, está quebrada la caixa"; "Não pode ser!", "Tá quebrada pô, vai abrir a caixa! Vai abrir..."

Porque a caixa deve ser dois metros, um metro e meio de comprimento com altura de um metro e pouco e largura uns quarenta, cinquenta centímetros. É depois que corta-se em barras, mandava... [demonstra com as mãos] Então fui, fui eu lá...

porque eu tinha Jipe... Chegamos lá tava o pessoal lá, limpando aqui, preparando para fazer o sabão, esperando o homem chegar – foi buscar a família dele.

Abriu a caixa, disse: “Me dê uma tábua.” Me deu uma tábua, eu passei a tábua assim... [ele demonstra como se fosse no bloco de sabão]. O sabão desandou, até aqui preto. Isso é cor de sabão e daqui pra cá aquela... sabão fofo assim... [refere-se à espuma do preparo do sabão], igual a isso aqui. Lá embaixo preta, queimada...

[Faz expressão de susto do homem, levando as mãos à cabeça]

“Eu não falei pra você não ter nada a ver com isso rapaz?” “E agora?”; “Não sei...” Aí veio, no dia seguinte chegou lá em casa com uma carta na mão. “O que é isso aqui, Armando?” [pergunta Tanous] “Estão me intimando, o homem não pode vender aqui; pra mandar pagar para ele passaje e trabajo que ele me ensinou.” Não sei quanto, uma fortuna acredito, porque ele chegou aqui, instalou a fábrica, eu fiz a primeira cozinhada de sabão. “Tá pedindo um advogado, tá pedindo aqui.” Digo: “Olha aqui, me chame pela polícia, a mim; e chama também...”, que fazia sabão também que é conhecidíssimo e nós atestamos; e chama a polícia também...”

E falei na frente da polícia né, naquela época o chefe era Alípio....Alípio... Eu não vou porque eu já vim e assinei. Vai dizer pra ele que foi queimada e ele tá pedindo indenização, porque estragou o sabão; e a polícia escreveu

e outro assinou como técnico. Pronto, acabou.

Aí chegou comigo "Seu Tanous, e agora? O que que eu faço?" "Eu não sei, meu filho, eu não falei para você não se meter?" "Então, Seu Tanous, faz o seguinte: o Senhor somente dá orientação e eu dou 50% do lucro do sabão, porque quero terminar o estoque e não quero mais." Digo: "Não, me dá tudo e eu não quero... mas eu ensino a você." Ensinei ele tudo por escrito e ele começou fazer, fazer, fazer, gastou todo o material, sobrou um de barrilla que ele pôs pra vender lá na loja dele e acabou-se a fábrica de sabão.

Aí acabou-se a fábrica de sabão; depois de sabão fui fazer vassouras...

Da fábrica de vassouras até colchões

Fábrica de vassouras... Mandei trazer vassouras... como chama a palha?...

Entrevistador – Piaçava...

Sr. TANOUS – Piaçava... da Bahia, comprei da Bahia e comprei máquina daquela de fita, de cortar madeira, uma furadeira e comecei a fazer... Fazer aqui vassouras. Mas era tão barato, tinha demais, fabriquei como o diabo, depois não quis mais. Vendi a piaçava, vendi as máquinas, vendi tudo para Porto Velho, não quis mais porque aqui, indústria aqui em Guajará-mirim não vai avante.

Entrevistador – O Senhor foi o primeiro industrial de Rondônia, né vô?

Sr. TANOUS – Fui o primeiro industrial, é... Fazia vassouras, sabão, malas, maletas e trabalhei também com um negócio de cabelos de mulheres. Aquelas mulheres que têm cabelo liso assim, fazer crespo...

que o Senhor começou, vô?

Sr. TANOUS – O crespo então é o seguinte. Tem muitas mulheres com cabelos crespos e quer cabelo liso, querem fazer crespinho, bonitinho... Porque antes de chegar de Líbano tem um barbeiro amigo meu – chama Jorge – ele foi e cortou o cabelo da sua tia, sua avó e fez aquele negócio e eu vi ele fazendo. Quando

cheguei aqui, escrevi para meu irmão, digo: "pergunta ao Fulano que material ele colocou dentro daquela buchazinha que ele colocou em cima da..." Ele me falou. Falou, mas não falou o nome certo. Então ele me mandou aquela... aquele tubinho onde se enrola o cabelo. Cheguei aqui, fiz, não deu certo. Era o remédio, não deu o nome do remédio certo.

Depois descobri um remédio proibido de vender; somente nos laboratórios, chama-se "Sublimado Corrosivo", um veneno terrível. Então para fazer experiência fui ao farmacêutico aqui. Fui lá para me vender, mas ele disse "não vendo... o Senhor quer fazer experiência venha fazer aqui na minha frente, eu não vendo." Mas consegui depois um vidro, pesa pra burro, cem gramas, consegui.

E consegui material, fiz aqui e comecei a fazer, comecei fazer e comecei a trabalhar. Mas depois um médico disse "Seu Tanous, o Senhor pode ser envenenado, pode lhe dar um... não se meta... não dá, não trabalhe com isso". Eu disse "olha, vou botar luvas de borracha", ele disse "e se rasgar a coisa e entrar, vai acabar morrendo". Mas trabalhei muito...

Entrevistador – O Senhor também fez colchão, não fez, vovô? **Sr. TANOUS** – Fiz colchão... Era afamado no colchão.

Entrevistador – E como começou?

Sr. TANOUS – Comecei porque chegavam pessoas lá, "áh, tem colchão?" daí... E não sabia. Fiz o primeiro não deu certo, o segundo melhorou e comecei a fazer colchões. Comecei a fazer colchões e mandava gente no mato pra cortar capim e secava e fazia colchões, a vontade...

E chegou o tempo da loja

Entrevistador – Como foi que o Senhor montou a sua loja?

Sr. TANOUS – Áh, porque primeiro... quando estive aqui a primeira vez, trabalhava no comércio, eu e o Abdon. Quando cheguei de novo, trabalhei em malas. Quando trabalhei em malas então eu montei... montei onde está agora, mandei construir agora. Porque eu trabalhava lá na esquina. Então trabalhávamos com malas e sabão... Chegou um viajante da Mesbla e disse "porque o Senhor não bota alguma ferragem aqui?". Disse: "áh, mas não quero nem saber." "Não, mas bota, não custa nada botar na prateleira." Eu disse: "menino, então me faz um pedido", ele mesmo que fez o pedido.

Ele "fechadura, dobradiça..." não sei o quê, não sei o quê... Então botei na prateleira e todo o freguês que chegava aí perguntava um objeto e, se eu não tinha, eu tomava nota. O que tem vendia, o que não tinha tomava

E foi indo, foi indo...

Entrevistador – Qual ano foi isso?

Sr. TANOUS – Rapaz, eu não sei... não sei. Muitos anos atrás. Não tenho mais... E comecei assim. Quem me animou de trabalhar com ferragem foi o viajante da Mesbla. E eu não sabia fazer pedido, sabia o nome das peças, das

coisas. Ele é que fazia. Mas depois o próprio freguês, ele ensina a pessoa a pedir mercadoria. Vem, chega, por exemplo, serrote; você não tem serrote; você sabe o que é serrote, então toma nota. Chega "pregos", não tem pregos, toma nota. Quando chega o viajante você já anotou isso aqui, já compra isso aqui, porque eles... freguês que faz o pedido. E como até agora, chega o freguês, quer algum objeto e não tem, toma nota e compra. Porque o freguês ele lembra mais do que o próprio comerciante. Toma nota do que ele pede.

O comércio como uma tradição

Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa. Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, perfumes, berliques, berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo (CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, "Os Turcos")

O comércio é o ponto de referência que marca a presença árabe no Brasil, sendo que o mascate torna-se a figura mais representativa por meio do comércio ambulante, que propiciou granjear em estágios de vida, que estimularam a permanência no país em caráter definitivo e a vida de familiares e pessoas conhecidas que usufruíram de uma base previamente obtida pelos pioneiros, o que garantia um recomeço promissor, mas não diferente de outras imigrações que aconteceram, pois a vinda se dava sem suporte financeiro do Estado.

Uma excepcionalidade ocorre, conforme Ferreira (2000), quando, em 1819, dois mil suíços decidiram tentar a vida em um país distante: o Brasil que, desde 1808, acolhera a Corte

portuguesa em fuga diante da investida napoleônica, tornando-se, então, a sede do Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves. O objetivo do rei, D. João VI, ao financiar a vinda dos suíços, era criar perto da Corte uma colônia produtora de gêneros alimentícios. A imigração europeia financiada – algo até então inédito – seria um experimento na utilização de mão de obra livre numa época em que o tráfico negreiro já era questionado internacionalmente.

Já a imigração sírio-libanesa, conforme Hajjar (1985), diferenciava-se pela

opção pessoal de aqui estar, pela língua e pela atuação mais urbana e tinha um preço a ser pago: no norte do País, participavam do ciclo da borracha; no centro, com extração de minérios; e no sul, na fase da cafeicultura.

Outra peculiaridade que se verifica, embora não hegemônica, mas frequente, é que, enquanto urbanos, conforme Nunes (2000), possuíam domínio absoluto sobre alguns ramos do comércio varejista e atacadista.

Explorando os principais centros, como Manaus, não demorou muito tempo para que o comércio desta região estivesse nas mãos destes imigrantes, pois, com a facilidade de vender mercadorias de porta em porta e a facilitação de pagamentos, logo os moradores daquela região deixavam de estar nas mãos dos seus fazendeiros e passavam a ter opções de compra.

No Brasil, os principais focos de imigração eram a Amazônia, São Paulo e o Rio de Janeiro:

“O primeiro e mais importante durante esse período, foi a Amazônia, devido ao surto de prosperidade da borracha, que começou logo depois da chegada dos primeiros libaneses. Com grandes levas de brasileiros e outros grupos, entravam eles no vale do Amazonas (KNOWLTON, 1961, p.65)”.

Porém, o interesse dos libaneses não estava apenas na borracha, como os dos outros imigrantes que também se destinaram a esta região, mas também na venda de mercadorias variadas. Desta maneira, surgiram os chamados regatões, homens que subiam e desciam os rios da Amazônia com barcos à procura de compradores para suas mercadorias.

Através da figura dos mascates, os libaneses iniciaram atividades comerciais, percebendo assim uma forma autônoma e lucrativa de trabalho. Com isso, logo estes mascates conseguiram montar seus negócios formais ajudando outros conterrâneos ou familiares que chegavam, formando as colônias de imigrantes.

Contudo, o que deveria ser provisório tornou-se permanente e, ao invés dos imigrantes retornarem à terra natal, eles providenciavam a vinda de suas famílias. Através desta base familiar, progrediram economicamente. O negócio dependia da colaboração de todos e a célula familiar permaneceu como meio de ordenar e compreender a vida. Segundo Kathlab (1999), apenas 3% dos que desembarcaram no Brasil retornaram para o Líbano, e os que ficaram procuraram trazer as suas

famílias.

Ao acompanhar a história dos imigrantes libaneses, percebe-se que os membros da família estavam engajados no trabalho e o comércio era uma extensão de suas casas, seja com os modelos de casas com as lojas na frente ou sobrados com as lojas embaixo. Viviam dos negócios e para este fim precisavam se integrar com as pessoas, mantendo um contato duradouro. Com isso, acabaram enraizando-se na nova terra.

Conforme Truzzi, o envio de notícias e dinheiro aos seus familiares remanescentes de origem fazia com que muitos se interessassem, relatando-se que tinham suas cartas abertas na praça da aldeia onde eram comemoradas por todos. A volta de um emigrado a sua aldeia era recebido com entusiasmo, eram jovens que retornavam para casar e retornavam. Agora não se caracterizava só por decisão pessoal e sim por decisões familiares que mandavam um dos seus.

Conforme Osman, um novo componente imigratório adere aos demais: a presença de mulheres. Coube a elas organizarem o ambiente doméstico, preservando a língua, religião, educação, culinária e costumes ao longo do tempo. Muitas contribuíram nos negócios.

Ode à Guajará-Mirm

Ainda reservarmos um espaço e tempo para mais um elogio à cidade escolhida por nossos imigrantes. Como foi difícil deixar de copiar Paulo Cordeiro Saldanha. Segui a tentcao do repetitivo do que não reforçar o que ele tão majestosamente deixa fruir em suasREMINISCNCIAS.

UM LEMBRETE:

Caro Paulo:

Imaginei ao ler este ode  Guajará, o quanto de tudo aquilo que descreves fosse tbm o que Tanous deve ter curtido  sua maneira.

Então... com sua licença.

Crepsulo. Momento de silêncio. Em minha cabeça, onde já se vislumbram cabelos encanecidos que acredito abençoados e sinalizadores de novo ciclo na existência, sentimentos passeiam livres, aguçando minha sensibilidade que voa solta no tempo. Dentre eles, impera a saudade. Recordcao de pessoas e fatos percebidos por meus sentidos e mantidos presos em uma moldura especial nos

recônditos de minha mente, em toda a sua plenitude. Assim, permanecem em meu coração.

Vejo-me menino, junto a outros, brincando no porto da cidade; saltando de pelas em pelas de borracha, que matizavam de negro aquele chão. O que representava brinquedo, também refletia o resultado de um árduo e nobre trabalho, gerador de empregos, faturamento de produção e renda, movimentando a economia local e de alhures.

Um sorriso tímido, quase imperceptível surge quando me vem à lembrança a movimentação ocasionada pelas partidas e chegadas do trem. As nove e às catorze horas, respectivamente. Retratado tenho a efervescência da estação. Num vai e vem, pessoas vendiam: croquetes, bolos de macaxeira, abacaxi, pirulitos, picolés, tapiocas (sem esquecer a figura do Paraguay, tão desengonçado com seus pirulitos em forma de cone ou seriam puxa-puxas presos numa roda de madeira perfurada); um verdadeiro comércio de múltiplas coisas, onde todos buscavam assegurar um rendimento que lhes propiciasse condições de ter comida em suas mesas, e a manutenção familiar. Carroças puxadas por bois ou cavalos garantiam o transporte das mercadorias, e assim também seus proprietários tinham seu ganho pão. Tudo ocorria em tremendo alvoroço. Mas era um espetáculo ao ar livre, num palco armado pelo cotidiano, sem ter havido ensaios.

Quase gargalhei com a imagem estampada por conta da aventura que representava colar os nossos ouvidos ao trilho, para tentar escutar a aproximação do trem, que tardava a apitar. E o resfolegar da máquina chegando devagar fazia o coração infantil bater acelerado em função das notícias e das novidades que aquela composição trazia.

Pensamentos me perseguem e me envolvem em nostalgia ao recordar as catraias empurradas pelos 10/12, salvo engano, Penta ou Arquimedes, motores possantes, mas que desencantavam a nós meninos desejosos de maior velocidade. Éramos uns temerários apressadinhos e não observávamos que o tempo, tão implacável, já navegava célere em nosso desfavor, e sem retorno. As idas e vindas das catraias eram uma integração bi-nacional, e nos envolviam num sistema de trocas que permitiam vultosos negócios para os empresários daquela geração.

Famílias “desta banda” relacionavam-se com as famílias de “la banda”, numa harmoniosa e saudável convivência que nos enaltecia enquanto vizinhos. Afinal, “o rio Mamoré, não nos separa, mas nos une em direção ao progresso e a integração”. Isso é solidariedade.

E os sinos da Igrejinha! É doce lembrar suas batidas, a transmitir avisos à população. Ou nos indicavam as horas ou faziam um convite para a Santa Missa e Novenas, ou, numa expressão de dor, indicava a perda de um morador abnegado, sem distinções de classe, cor, raça ou até de religião.

Ah! Sino que, segundo Alex Periscinoto, foi “o maior veículo de comunicação de massa inventado até hoje”. Ah! O sino, consagrado na quadra de Antônio Correa de Oliveira, como “Sino, coração da aldeia; coração, sino da gente: um a

sentir quando bate; o outro a bater quando sente". Ah! O sino anunciando a hora da Ave Maria!

Célebres procissões! Os andores, a fé inquebrantável dos fiéis, as orações em uníssono que energizavam todo o nosso universo. Pelo menos essas continuam...

Os comícios... Estes atraíam a multidão; sem oferta de brindes, mas exemplos de que a cidadania, o civismo; enfim, a participação política empolgava as facções partidárias; tempo dos Aluizistas ou dos Renatistas, ou no popular, dos Cutubas e Peles Curtas.

E os antigos carnavais? Com direito a desfiles de fantasias, com direito a prêmios; os blocos em sua animação, traduzindo alegria, muita alegria, regada a flertes, declarações e reconciliações por conta do império de Orfeu e da descontração emanada do alucinante ritmo das marchinhas, do frevo e dos sambas. Um bloco saía do Helênico e se dirigia ao Guajará Clube, no instante em que outro ali chegava, após ter saído do Cruzeiro ou da Taba Maracajá, hoje Boínas Rajadas. Naquele tempo a lança-perfume não era ainda proibida.

Lembrar, é preciso, da competição entre "Os Apaches" e "os Rondonbrásas"...

Conjuntos, hoje chamados "bandas", que tornavam os finais de semana e as festas bem mais aprazíveis para todos. Quem, daquele tempo, esqueceu-se do velho Benvindo, com sua carroça vendendo frutas; e o Fernando Bobina, mais recentemente entregando pães e verduras para os seus clientes, que mereciam ouvir suas músicas tocadas a partir de um arranjo, que manejava gerando os sons que brotavam da própria boca?

Dorival Caymmi nos disse certa feita que "é doce morrer no mar; nas ondas verdes do mar"; e eu digo: é doce viver lembranças tão especiais, concebidas a partir da rica

experiência que é nascer, viver, morar e ajudar a construir hoje a sociedade guajaramirense do amanhã. É gostoso sentir saudade de pessoas que já se foram, mas que nos legaram exemplos tão dignificantes de altruísmo, de amor ao próximo, de generosidade, de visão de futuro, de participação, de civismo, de nacionalismo, enfim, de entrega aos mais legítimos interesses locais.

Viajando mentalmente, cheguei a querer transmutar-me em Deus, visando adquirir poderes para manter-me, e a amigos queridos, infinitos; para que todos de meu tempo, ante meu "pretensioso poder divinal", jamais partissem para o outro lado da vida, empobrecendo com as precipitadas mudanças o universo regional. Louca e irresponsável pretensão! Um acinte! Uma blasfêmia contra os poderes do Pai Eterno...

Impossibilitado, em face das limitações humanas, "eternizo" apenas as minhas saudades através das lembranças de um tempo que, confesso, eu vivi, de forma tão descontraída, num período que se vai perdendo em direção à fímbria mais azul que eu enxergo lá no começo do horizonte...

